

Ave MARIA

REVISTA MENSAL
ANO 102
R\$ 2,50

FEVEREIRO
2001



VIDA SIM,

**DROGAS
NÃO!**

A small, square inset image in the bottom right corner. It shows a close-up of a woman's face, specifically her eyes and mouth. She has a red rose on her lips. The image is framed by a white border.

Nossa mundialidade

(Continuação)

O mundo está se fazendo uno. Para bem e para mal. Infelizmente, pelo poder do dinheiro e das armas e pela submissão da política a esses dois poderes — que são um só poder, nas mãos de poucos —, essa unidade mundial é neoliberal, de mercado, de privilégio para a minoria dos senhores do mundo e de exclusão para a imensa maioria.

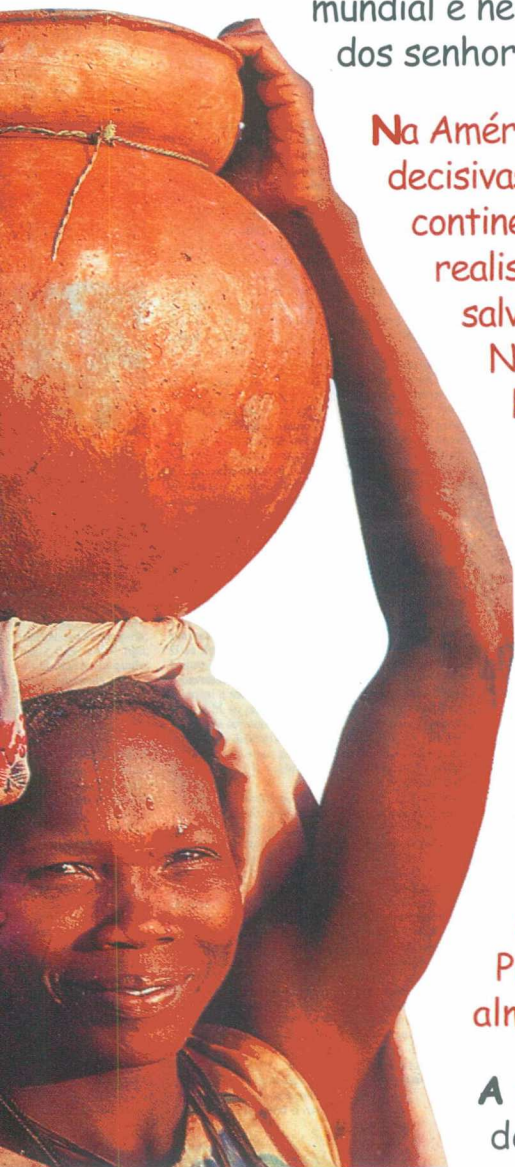
Na América Latina, temos repetido, sobretudo nas horas mais decisivas, que ou nos salvamos continentalmente, ou continentalmente afundamos. Agora temos que dizer, com um realismo que não pode desmentir a esperança, que ou nos salvamos mundialmente ou mundialmente afundamos. Ninguém, país nenhum, pode se salvar isoladamente. Hoje, mais do que nunca, não somos ilhas. O mundo já é nossa circunstância: eu sou eu e o mundo.

Evidentemente, não respaldamos a mundialização neoliberal. Para nós, essa mundialização de mercado, de consumismo, de privilégio, de exclusão, é um sinal dos tempos ao avesso; é preciso virá-lo do lado direito (que não será à direita, precisamente).

Continuaremos a ser latino-americanos e também mundiais. Abertos ao mundo, sobretudo ao fraterno Terceiro Mundo e ao Primeiro Mundo solidário. A partir da Terra e da alma da Nossa América.

A propósito, além de nos latino-americanizarmos mais, devemos assumir e propagar as Causas profundas de nossa *latino-afroameríndia*. Sem romantismo, porém com toda a poesia tanto mais necessária quanto mais crítica é a hora. Sem renunciar aos paradigmas irrenunciáveis, que hoje consideramos mais válidos do que nunca, porque se impõem uma contestação e um compromisso mais radicais e mais universais. Continuaremos latino-americanizando-nos assim.

Pedro Casadáliga, bispo de São Félix do Araguaia, MT.





Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria é de propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregianin

Administração: Luiz Claudemir Botteon

Equipe de redação: Avelino S. de Godoy;

Eduardo Russo; Adelino Dias Coelho.

Diagramação: Antônia Portero Simon;

Avelino S. de Godoy.

Redação, publicidade, administração e correspon-

dência: Rua Martim Francisco, 656, 4º e 5º andares.

Tel: (011) 3666-2128 e 3666-2129 - Caixa Postal

1.205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria.

Estrada Comendador Orlando Grande, 86 Embu, SP

- Bairro do Gramado, CEP 06835-300.

A assinatura pode ser feita em qualquer época do

ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque

pagável em São Paulo, Vale Postal ou Valor Declarado

em nome da **Revista Ave Maria** — A maioria das

idades é visitada por nossos representantes, que

renovam as anuidades a domicílio; nas demais, as

renovações de assinaturas são feitas pelo correio.

Assinatura anual: R\$ 20,00.

Ligue grátis: 0800-555-021

Ave Maria na internet:

www.revistavemaria.com.br

Correio eletrônico:

revista@avemaria.com.br

redacao@revistavemaria.com.br

assinaturas@revistavemaria.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às senhoras e aos senhores assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, peçam a credencial fornecida pela *Revista Ave Maria* a todos os seus representantes legais.

COBRADORES e PROMOTORES AUTORIZADOS:

Alexandre Gregianin,RS; Alice Ferreira Reis, SP; Sérgio Pierozan, SP e GO; Benedito Carlos Câmara, SP; Jesus Macedo, SP; Mauro Donizeti Câmara, SP; Dideró Ribeiro, Marília, SP; Anselmo Pereira Almeida, MG; Benedito Vaz Neto, MG; Edson Nunes de Moraes, MG; Gilmar Diniz Silva, MG; Nildo Lopes de Andrade, Norte do Paraná, PR; Pe. Pedro Jordá, Palmira Farias, Cordeirópolis, SP; Roselene C.S. Ruy, Piracicaba, SP; Juarez Nicodemus Gonçalves, Baurú, SP; Andreia Maria Ferreira Reis, Rio Claro, SP; Walkir Mota de Oliveira,SP.

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

Lembre-se de que é importante V.Sa. manter sua anuidade em dia. Se V. Sa. tiver dúvida quanto à data do vencimento, ligue a cobrar para a *Revista Ave Maria* (90 ___ 11) 3666-2128 ou 0800-555-021 fax 3826-7016

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários teológico-bíblicos diários sobre as leituras bíblicas das missas na internet:

www.claretianos.com.br/servbib/servbib.htm

Promessa é dívida

Segundo a sabedoria popular, quem promete, assume a obrigação de cumprir.

O fato recente mais importante desse começo de ano foi a novidade político-administrativa pela qual passaram os municípios brasileiros. Todos recomeçam com novos prefeitos e vereadores (uma minoria se reelegeu) que prometeram bons serviços à comunidade.

É inegável que o bem-estar dos municípios depende da boa organização das prefeituras com seus secretariados e das políticas administrativas dos prefeitos e vereadores. Uma cidade carente do cumprimento das promessas feitas em campanhas eleitorais demonstra a não-consciência participativa dos habitantes e a imaturidade em termos de cidadania.

Quando as alianças políticas buscam beneficiar padrinhos de campanhas, ou favorecem rendimentos particulares em troca, então, a democracia está sendo aviltada, corre perigo.

As promessas de campanha passam a ser obrigações dos eleitos e cabe aos cidadãos exigir que elas sejam cumpridas. E cobrar é um dever democrático, é participar, é criar uma nova cultura política, isto é, interessar-se e informar-se para saber que caminhos a cidade está tomando.

A sociedade como um todo erra ao deixar por conta e risco das autoridades fazer e desfazer ao seu bel prazer.

As várias formas de participação dão força à democracia: pertencer a

uma associação, a uma sociedade do bairro, a uma comunidade eclesial, a um sindicato, etc., reforçam a unidade, dão melhores condições de exigir o cumprimento das promessas. É o exercício da cidadania. Associar-se às autoridades honestas, que zelam pelo bem comum, atendendo prioritariamente aos mais carentes é a expressão correta de civismo. Em geral, os Meios de Comunicação (TV, rádios, periódicos) alimentam uma cultura de consumo, de individualismo e de alienação.

Na "Palavra do Papa - Diálogo entre as culturas" (p. 6), João Paulo II alerta para alguns aspectos negativos e perigosos existentes nos monopólios das "indústrias culturais". Antes de tudo, afirma o papa, tem-se de colocar

a promoção da justiça para se chegar a uma autêntica cultura da solidariedade.

Inicia-se, neste mês, a 37.^a Campanha da Fraternidade com o tema: A Fraternidade e as Drogas, com o lema "Vida sim, drogas não!" (p. 8). Trata-se de um mutirão cívico fraterno em prol da vida. Uma força conjunta, população, instituições e Estado contra a triste realidade das drogas que nutre um sistema de morte.

A grande maioria dos políticos eleitos prometeu, entre outras coisas, também uma administração de combate ao uso, comércio e tráfico de drogas.

A juventude e as crianças são alvo fácil e frágil na mira dos inescrupulosos e corruptos. Cabe à população exigir das autoridades que cumpram as promessas.

P.C.G.



Prêmio para Pe. Júlio Lancellotti

Foto: Douglas Mansur



São Paulo, 11/1. O Prêmio Franz de Castro Holzwarth, conferido pela OAB-SP aos que se destacam na luta em prol dos direitos humanos, homenageou no final do ano passado, pessoas que trabalham com crianças e adolescentes. Pe. Júlio Lancellotti, da Pastoral do Menor, recebeu o prêmio principal e Zilda Arns, coordenadora da Pastoral da Criança, uma menção honrosa. Em um auditório lotado por centenas de representantes de entidades que lutam em defesa dos direitos humanos, o pe. Lancellotti, vigário episcopal do Povo da Rua, recebeu o 17º Prêmio Franz de Castro Holzwarth de Direitos Humanos. A cerimônia de entrega do prêmio, concedido pela Ordem dos Advogados do Brasil, seção São Paulo, aconteceu em 11/12, na sede da entidade, na Praça da Sé.

Recebeu também menção honrosa a médica pediatra Zilda Arns, coordenadora nacional da Pastoral da Criança e a Fundação Projeto Travessia, representada por seu diretor-presidente, Gilmar Carneiro. Acreditando que, quem planta omissão, colhe violência, pe. Lancellotti é um exemplo dos que dedicam a vida a semear a paz junto aos filhos e filhas de Deus que mais sofrem com a exclusão social. A proximidade e confiança que pe. Júlio gera nos que são colocados à margem da sociedade têm muito a ver com a simplicidade do amor que tem por eles.

Simples também foram as manifestações das crianças e dos adolescentes presentes à cerimônia: faixas de apoio e incentivo, palmas, lágrimas emocionadas e sorrisos, muitos sorrisos orgulhosos nos rostos dos que viram ali o reconhecimento a anos de dedicação corajosa à construção de um novo mundo pautado nos valores evangélicos da justiça e da solidariedade.

Direitos Humanos

São Paulo, 8/1. O 4.º Prêmio Santo Dias de Direitos Humanos foi concedido, em cerimônia realizada no dia 8/12/00, à Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos.

O prêmio, com o nome de um dos principais mártires da luta operária, foi criado pela Comissão Permanente de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo para homenagear, anualmente, personalidades e entidades que se destacam na defesa dos direitos fundamentais da pessoa humana. Já receberam o prêmio o arcebispo emérito de São Paulo, cardeal d. Paulo Evaristo Arns; a Pastoral Carcerária; o atual vice-prefeito da Cidade, o jurista Hélio Bicudo, e o Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua.

Missionários brasileiros

Brasília, 10/1. Realizou-se na capital federal o curso "Ad gentes" — 2000, de 26/11 a 20/12/00. Participaram dele 38 missionários e missionárias de várias regiões do país. Foi promovido pelo Centro Cultural Missionário, organismo da CNBB, que tem como encargo preparar, de forma específica, os sujeitos da missão para áreas e situações missionárias. O objetivo do curso é a preparação imediata dos missionários, fortalecendo os laços entre a Igreja que envia e os missionários que partem para cumprir o mandato do Senhor Jesus: "Ide e fazei discípulos..."

Eles realizarão a missão em outras terras, além-fronteiras, nos vários continentes. Das 38 pessoas (27 mulheres e 11 homens) que participaram do curso, 23 eram religiosas, quatro leigas, dez padres e um irmão marista. Cinco irão para Moçambique, três para Angola, três para Guiné Bissau, um para a República do Congo, seis para Timor-Leste, um para as Filipinas, cinco para os Estados Unidos, três para a Venezuela, dois para o Suriname, um para a Guatemala, um para a República Dominicana, um para o México e seis que ainda não tinham o destino da missão. No dia 13/12, deu-se o ponto mais alto do curso: a Missa do Envio, com a presença dos bispos da Presidência da CNBB e da Comissão Episcopal de Pastoral.

Madre Paulina



Foto: arquivo

Vaticano, 9/2. Peritos médicos da Congregação para as Causas dos



Santos reconheceram como milagrosa a cura da acreana Iza Bruna Vieira de Souza, de 8 anos. A menina foi curada de um tumor, em 1992, quando era ainda recém-nascida, após a família ter pedido ajuda à Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus, fundadora da Congregação das Irmazinhas da Imaculada Conceição, cuja Casa Geral fica à Av. Nazaré, 470, São Paulo, SP, tel.: (11) 273-0414. Antes de reconhecer o milagre de Bruna, o Vaticano esperou que a criança crescesse, para que não pairassem dúvidas de que os problemas médicos voltariam. Com isso, a Madre Paulina, já beatificada pelo papa João Paulo II, aos 18 de outubro de 1991, em Florianópolis, SC, poderá ser reconhecida como a primeira santa do Brasil.

Agora, faltam os passos seguintes: o estudo e aprovação dos Consultores Teólogos; o estudo e aprovação da Congregação Ordinária dos Padres Cardeais e Bispos; o consistório com o Papa e o, assim chamado, Decreto do "milagre". Se o papa puder aceitar o convite da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, para vir ao Congresso Eucarístico, em Campinas, SP, a Madre Paulina poderá ser declarada santa, em julho deste ano, durante aquele evento religioso.

Pastoral da Criança

São Paulo, 11/2. Zilda Arns Neumann, médica pediatra, é fundadora da Pastoral da Criança, entidade de que é coordenadora nacional. Conhecida em todo o mundo como uma das instituições mais atuantes na proteção à infância e maternidade, a Pastoral da Criança já recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais. Em 12/00, Zilda Arns foi escolhida como vencedora, na categoria individual, da primeira edição do Prêmio USP de Direitos Humanos, concedido pela Universidade de São Paulo. Também no ano passado, em setembro, a Pastoral da Criança foi laureada com o Prêmio Unesco de Direitos Humanos e Cultura da Paz. A coordenadora da pastoral acaba de ser apresentada pelo Governo brasileiro como candidata ao Prêmio Nobel da Paz de 2001. Tal reconhecimento se deve ao atendimento feito pela pastoral a mais de 1,5 milhão de crianças menores de seis anos e a 76 mil gestantes em todo o Brasil. A entidade, ligada à CNBB, existe desde 1983 e dá orientações sobre ações básicas de saúde, nutrição, educação e cidadania. 

Seja um representante da revista Ave Maria
Informações, ligue grátis para
0800 - 555 - 021



SUMÁRIO

4. **A IGREJA NO MUNDO**
Notícias
6. **PALAVRA DO PAPA**
Diálogo entre as culturas
8. **CAMPANHA DA FRATERNIDADE**
A fraternidade e as drogas
Vida sim, drogas não! 
11. **FÉ E CIDADANIA**
Rodocídio
Frei Betto
12. **Droga não rima...**
Pe. Zezinho
13. **Globalização colocada em cheque**
J.B.Libânio
14. **MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR**
Senhora Conquistadora
Roque Vicente Beraldi 
15. **LÍNGUA DA NOSSA GENTE**
Ymyrapytá: 500 anos!
Elias Leite
16. **FÉ E CIDADANIA**
Fraseologia cristã em nossa vida
Francisco Gomes de Matos
18. **HISTÓRIA DA IGREJA**
A Igreja e a escravidão dos negros do século XV ao XIX
Ronaldo Mazula
20. **SANTOS - TESTEMUNHOS DE VIDA CRISTÃ**
Santa Veridiana e São Brás
Ronaldo Mazula
22. **MEU LAR**
Crenças que falam
Wimer Botura Jr. 
23. **CULINÁRIA**
Yvone Barros Oliveira
24. **ALCOOLISMO**
Dependência da bebida
Sônia Mannelli
26. **PARA REZAR BEM OS SALMOS**
Oração antes de uma batalha
Sônia Mannelli
28. **LITURGIA DA PALAVRA**
De 4 de março a 25 de março de 2001
Adelino Dias Coelho
34. **RELENDO A BÍBLIA**
Norma Termignoni
36. **DIVERTIMENTOS**
Tina Glória 

Diálogo entre as culturas

Apresentamos, a seguir, trechos da Mensagem de João Paulo II, proferida, no Vaticano, na celebração do Dia Mundial da Paz, 1.º de janeiro de 2001.

João Paulo II, após definir a cultura como a "expressão qualificada do homem e da sua existência histórica tanto em nível individual como coletivo", mostra que a cultura envolve todos os aspectos da vida a ponto de poder-se dizer que "ser homem é existir numa cultura". Fala do respeito necessário às outras culturas e do diálogo entre elas. Considera o poder e os riscos da comunicação global. "O fenômeno — diz ele — oferece numerosas potencialidades, outrora impensáveis, mas apresenta também alguns aspectos negativos e perigosos. O fato de o monopólio das "indústrias" culturais estar concentrado num número restrito de países, que distribuem seus produtos por todos os cantos da terra a um público sempre mais vasto, pode constituir um poderoso fator de corrosão das especificidades culturais. É que tais produtos contêm e transmitem implicitamente sistemas de valor, podendo assim provocar, nos receptores, efeitos de expropriação e perda de identidade".

Desafio das migrações

Ao se deter no desafio das migrações, assinala que os imigrados não de ser sempre tratados com o respeito devido à dignidade de cada pessoa humana a que se deve acrescentar a consideração do bem comum. "Quem acolhe e quem é acolhido têm direitos e deveres. O diálogo entre as culturas, instrumento privilegiado para construir a civilização do amor, assenta na consciência de que há valores comuns a todas as culturas, porque radicados na natureza da pessoa", salienta o Papa.

Entre esses valores comuns, João Paulo II destaca a solidariedade: "Toda a sociedade está fundamentada na inter-relação originária das pessoas, construída em círculos cada vez mais amplos de relacionamento desde a família passando pelos demais grupos sociais intermediários até a sociedade civil no seu todo e à comunidade estatal. Por sua vez, os Estados não podem prescindir de estabelecerem mútuas relações: a situação atual de interdependência planetária ajuda a perceber melhor a comunhão de destino da família humana inteira, fomentando em todas as pessoas conscientes a estima pela virtude da solidariedade.

A tal respeito, convém, todavia, assinalar que o incremento da inter-

dependência levou a descobrir muitas disparidades, tais como o desequilíbrio entre países ricos e pobres, a fratura social dentro de cada país entre quem vive na opulência e quem vê lesada a sua dignidade porque lhe falta inclusive o necessário, a degradação ambiental e humana provocada e acelerada pelo uso irresponsável dos recursos naturais. Em alguns casos, tais diferenças e desequilíbrios sociais têm vindo a aumentar até deixar os países mais pobres completamente à deriva.

É por isso que, no coração duma autêntica cultura da solidariedade, tem-se de colocar a promoção da justiça. E não se trata apenas de dar o supérfluo a quem passa necessidade, mas de ajudar povos inteiros, que dele estão excluídos ou marginalizados, a entrarem no círculo do desenvolvimento econômico e humano. Isto será possível não só fazendo uso do supérfluo, que o nosso mundo produz em abundância, mas sobretudo alterando os estilos de vida, os modelos de produção e de consumo, as estruturas consolidadas de poder que hoje regem as sociedades".

Foto: arquivo



Valor da paz

Outro valor, considerado pelo Papa, intimamente ligado à solidariedade é a paz, objeto primário de toda a sociedade. Por outro lado, não se pode invocar a paz e desprezar o valor da vida. "A vida humana não pode ser vista como um objeto de que se possa dispor arbitrariamente, mas como a realidade mais sagrada e inviolável que existe sobre a face da terra. Não pode haver paz, quando

falta a salvaguarda deste bem fundamental. Não se pode invocar a paz e desprezar a vida. O nosso tempo conhece exemplos luminosos de generosidade e dedicação ao serviço da vida, mas também o triste cenário de milhões de homens expostos, por crueldade ou por indiferença, a um destino doloroso e brutal. Trata-se de uma trágica espiral de morte que compreende homicídios, suicídios, abortos, eutanásia e ainda as práticas de mutilação, as torturas físicas e psicológicas, as formas de injusta coação, a prisão arbitrária, o recurso

atrocidades, a própria noção de família humana, apoiada nos valores da pessoa, da confiança e do respeito e auxílio recíprocos, acaba por ficar gravemente danificada. Uma civilização baseada sobre o amor e a paz deve opor-se a estas experiências indignas do homem".

O Papa assinala o valor da educação, pela qual é possível descobrir a riqueza da história dos outros e dos seus valores. Por fim, afirma que o "caminho para superar as barreiras da incomunicabilidade é o do perdão e da reconciliação. Em nome de um

são, acolhe o Evangelho do perdão e obtém a promessa da Bem-aventurança eterna. O exemplo de Cristo dá-nos a certeza de que se podem realmente abater os numerosos muros que bloqueiam a comunicação e o diálogo entre os homens. A visão do Crucificado infunde-nos a confiança de que o perdão e a reconciliação podem tornar-se prática normal da vida quotidiana".

Apelo aos jovens

"Desejo concluir esta mensagem de paz com um apelo especial a vós, jovens do mundo inteiro, que sois o futuro da humanidade e as pedras vivas para construir a civilização do amor. Conservo no coração a lembrança dos encontros, densos de emoção e esperança, que tive convosco durante a recente Jornada Mundial da Juventude, em Roma. A vossa adesão era feliz, convicta e promissora. Na vossa energia e vitalidade e no vosso amor por Cristo, vislumbrei um futuro mais sereno e humano para o mundo.

Ao ver-vos ao meu redor, dentro de mim surgia um sentimento profundo de gratidão ao Senhor, que me dava a graça de contemplar, através do colorido mosaico das vossas línguas, culturas, costumes e mentalidades diversas, o mi-lagre da universalidade da Igreja, do seu ser católica, da sua unidade... Queridos jovens de todas as línguas e culturas, espera-vos uma tarefa grandiosa e exaltante: ser homens e mulheres capazes de solidariedade, paz e amor à vida, no respeito por todos. Sede artífices duma nova humanidade, onde irmãos e irmãs, todos membros da mesma família, possam viver em paz!

João Paulo II.



desnecessário à pena de morte, as deportações, a escravatura, a prostituição, o comércio de mulheres e de crianças. A esta lista há que se acrescentar as práticas irresponsáveis de engenharia genética, tais como a clonagem e o uso de embriões humanos para a investigação, procurando justificá-las com um apelo ilegítimo à liberdade, ao avanço da cultura, ao fomento do progresso humano.

Quando os sujeitos mais frágeis e indefesos da sociedade sofrem tais

realismo desencantado, muitos consideram esta estrada utópica e ingênua. Na perspectiva cristã, pelo contrário, é o único caminho para se alcançar a meta da paz. O olhar dos crentes detém-se a contemplar o ícone do Crucificado. Pouco antes de morrer, Jesus exclama: *Perdoa-lhes, ó Pai, porque não sabem o que fazem* (Lc 23,34). O malfeitor crucificado à sua direita, ao ouvir estas deradeiras palavras do Redentor moribundo, abre-se à graça da conver-

A Fraternidade e as Drogas

**Vida sim,
drogas não!**

Neste número e nos próximos, publicaremos os principais trechos do texto-base da Campanha da Fraternidade 2001. Seu início oficial se dá a partir da Quaresma. Sua publicação, antes e depois desta, propiciará aos leitores um conhecimento mais amplo de sua proposta.

Uma vez mais a Conferência dos Bispos do Brasil (CNBB) anima, em âmbito nacional, a Campanha da Fraternidade, CF'2001. Essa feliz iniciativa, com 37 anos, vem mobilizando, cada ano, toda a Igreja Católica no Brasil, outras Igrejas e muitas instâncias sociais a favor de vida digna para todos os brasileiros, justiça social, fraternidade e paz.

Iniciamos o século XXI e o terceiro milênio, que desejamos, como propunha a CF Ecumênica de 2000, sejam sem exclusões, colocando como tema para a CF a complexa e dramática questão das drogas, em todas as suas variáveis. Trata-se de um mutirão em prol de vida de qualidade, com sentido motivador positivo de realização pessoal, social e transcendente.

A escolha do tema relacionado com drogas parte da realidade de um sistema de morte, alimentado por um estilo de vida materialista, que vem se alastrando como furacão, a partir de seu cultivo, comercialização e con-

sumo, ceifando milhares de vidas e afetando profundamente famílias e amplos setores sociais. Junto com as trágicas conseqüências do uso de drogas, crescem a violência social, a prostituição, os roubos, os assaltos e seqüestros, a corrupção política, a corrosão da dimensão ética do trabalho e a guerra entre traficantes, que mantém exércitos bem-armados e bairros dominados.

Além dos fiéis de nossa Igreja, convidamos a todos os cidadãos que lutam por um Brasil justo e solidário,



Foto: arquivo

para que somem forças para a mobilização nacional contra as drogas, seus mentores e traficantes e todos os que os apóiam; a favor das pessoas vitimadas, exploradas, destruídas, que desejamos redimidas, promovidas e reinseridas na comunidade; e a

favor de todos os que se organizam para destruir esse flagelo social que arruína tanta gente, especialmente os jovens. "Este trabalho de reabilitação social também pode constituir um verdadeiro e próprio empenho de evangelização". Papa João II, *Eclesia in America (EA)* n° 61.

Agradecemos a todos os que colaboraram para a produção de todo o material de apoio desta CF. Nossa gratidão de pastores a todos os que se envolverem nesta Campanha da Fraternidade, ajudando-a a alcançar seus objetivos, na certeza de estarmos cumprindo o mandamento novo de Jesus: o amor, preferentemente aos mais necessitados. À luz da mensagem de conversão, que perpassa a Quaresma, canalizaremos nossas energias para atender com misericórdia os crucificados na cruz das drogas, na esperança inabalável da

luz da ressurreição, que nos dá a certeza de libertação e salvação.

Dom Raymundo Damasceno Assis, Bispo Auxiliar de Brasília e Secretário-Geral da CNBB.

Pe. Antônio Donizetti Sgarbi, Secretário-Executivo da CF.

Oração

"Vida sim, droga não!"

*Deus de ternura e bondade,
bendito sois pelo maravilhoso dom
de viver!*

*Nós vos agradecemos, porque
podemos escolher a vida e
não a morte.*

*Fortalecei-nos na solidariedade
a favor das vítimas das drogas.*

*Aumentai em nós, Senhor,
a perseverança e a união,
na luta contra o perverso sistema de
destruição da vida.*

*Que encontremos sempre em vossa
Palavra, na Eucaristia e na
comunidade eclesial,
o sustento para a caminhada e para a
construção do vosso Reino.*

*Que vosso amor, ó Pai,
circule em nossos corações,
nas relações humanas e
na sociedade, para acelerar a vinda
do mundo que a gente quer:
um mundo sem ódio, sem exclusões,
sem drogas,
um mundo pleno de vida, amor,
solidariedade e paz.*

*Por Jesus Cristo, vosso Filho, que
veio ao mundo para que todos tenham
vida, na unidade do Espírito Santo.
Amém.*

Campanha da Fraternidade

É um momento privilegiado da ação evangelizadora e pastoral da Igreja no Brasil. Iniciada em 1962, na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, a CF alcançou dimensão nacional em 1964. A cada ano, ela foi mobilizando mais pessoas, grupos e entidades religiosas e civis. No ano 2000, foi celebrada a primeira Campanha da Fraternidade Ecumênica, coordenada pelo Conselho Nacional

das Igrejas Cristãs (CONIC), com o tema "Fraternidade, Dignidade Humana e Paz" e o lema "Novo Milênio sem exclusões".

Ela acontece na Quaresma e, como convém a esse tempo litúrgico, suscita um apelo à conversão para a justiça, o amor, a fraternidade e a paz. Como elemento motivador, ela traz sempre um tema relevante da convivência humana, que interpela a consciência das pessoas e exige conversão profunda e repostas concretas, tanto por parte da Igreja quanto da sociedade.

A escolha do lema "Vida sim, drogas não" é, como em todos os anos, resultado de ampla consulta aos que trabalham anualmente com a Campanha. A decisão coube à Presidência da CNBB e à Comissão Episcopal de Pastoral (CEP), em 1999. Na escolha e no tratamento do tema da CF consideraram-se a fidelidade ao projeto do Reino de Deus, os sinais dos tempos representados pelos desafios das condições de vida do povo brasileiro e o respeito ao período quaresmal.

A CF tem sido, ao longo de mais de três décadas, um processo educativo que ajuda a perceber as exigências da palavra de Deus diante dos problemas concretos da sociedade. Desse modo, têm-se conseguido três importantes resultados: a) estimular os agentes de pastoral e os fiéis a estudarem, de modo mais intenso, a palavra de Deus e aprofundarem as conseqüências práticas da fé; b) comunicar ao público em geral, fora

dos ambientes eclesiais, a voz profética da Igreja diante de graves questões sociais e sensibilizar a sociedade como um todo para a temática em questão; c) incentivar iniciativas pastorais concretas como resposta aos clamores da realidade analisada e às exigências da palavra de Deus intensamente refletidas nas comunidades.

A Campanha de 2001

Neste ano a CF está voltada para o grave problema das drogas, que vem afetando dramaticamente milhares de pessoas, famílias e muitos setores sociais. O assunto está em se-



qüência às CFs anteriores, particularmente a de 1997, "Cristo liberta de todas as prisões", a de 1983, "Fraternidade sim, violência não", e a de 2000, que versou sobre a dignidade humana, a paz e projetou um novo milênio sem exclusões.

O lema "Vida sim, drogas não!" obviamente mantém a relação profunda das CFs anteriores com as estruturas políticas, econômicas e sociais de nosso País. A produção e o tráfico de drogas tornaram-se hoje um grande negócio e, portanto, interferem na política e na cultura de nosso povo. O problema passou a ser estrutural, atingindo um grande número

de pessoas, e é, na verdade, mundial.

Temos consciência de que ainda é pouco o que sabemos sobre o uso das drogas, intimamente ligado aos padrões culturais de cada sociedade. Em algumas, elas se enquadram num contexto ritual, como entre certos povos indígenas; noutras, são inseridas em procedimentos médicos, como nas sociedades modernas, e, em ambos os casos, seus efeitos nocivos são contrabalançados pelo controle social. Quando, ao contrário, o consumo de drogas escapa ao controle sociocultural tornando-as acessíveis a qualquer pessoa (inclusive a crianças e adolescentes), seus efeitos podem ser mortíferos. É o que está acontecendo hoje, devido a graves rupturas nas instituições sociais, abalos morais, mudanças culturais e a inclusão das drogas no sistema de circulação das mercadorias em geral.

Neste texto, serão consideradas drogas:

- lícitas (livremente produzidas e comercializadas, o fumo e o álcool);
- semilícitas (distribuídas somente sob prescrição médica);
- ilícitas (cuja produção, comercialização e consumo constituem infrações legais).

Isso porque todas elas são substâncias, cujo consumo traz sempre algum tipo de dano à pessoa ou à sociedade e, por essa razão, devem ser de alguma forma combatidas ou controladas. Mas faremos as devidas distinções entre elas, quando for o caso.

Diante dessa realidade, é preciso

fazer, como cidadãos conscientes do valor da pessoa humana e da periculosidade das drogas, primeiramente, um grande mutirão de trabalho preventivo. É nosso dever, também, acionar as instâncias competentes para o cerceamento das poderosas forças que produzem e traficam drogas e para a pronta recuperação

dos atingidos por elas. Mas, acima de tudo, deve estar o trabalho em favor da dignidade humana a ser preservada, promovida e, quando necessário, resgatada. Seguindo os passos de

bilizar a comunidade eclesial e a sociedade brasileira para enfrentar corajosamente o grave e complexo problema das drogas, que arruína milhares de vidas e afeta profundamente a paz social.


Como objetivos específicos, a CF' 2001 visa a:

- contribuir para que a comunidade eclesial e a sociedade sejam mais sensíveis ao complexo problema das drogas, às suas vítimas e às suas danosas conseqüências;
- mobilizar a própria Igreja para se colocar, mais ainda, profeticamente a favor da vida e da dignidade humana, particularmente dos empobrecidos e excluídos;
- anunciar para o novo milênio uma sociedade sem exclusões, onde a pessoa humana seja o centro, a vida não

se subordine à lógica econômica, e o trabalho não se reduza à mera sobrevivência mas promova a vida em todas as suas dimensões;

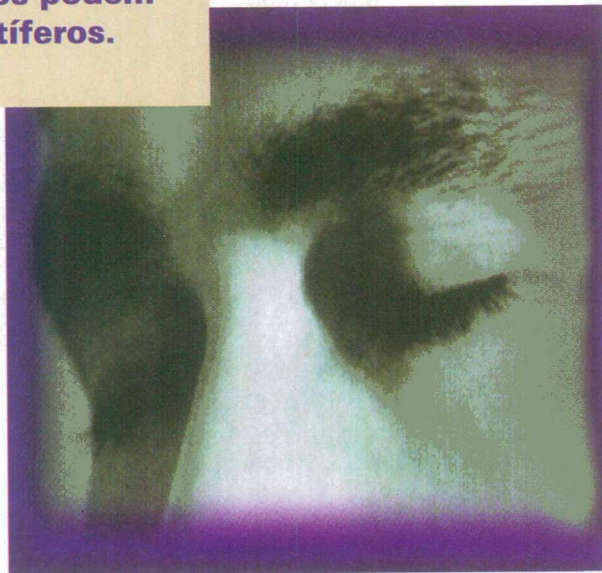
- incentivar amplo movimento de solidariedade para manter viva a esperança das vítimas diretas das drogas, divulgando iniciativas já existentes e estimulando novas;

• denunciar "com coragem e com força o hedonismo, o materia-

lismo e aqueles estilos de vida que facilmente induzem à droga" (EA, 61), bem como os mecanismos sociais do mercado neoliberal que, com seu padrão de consumo insaciável, aumenta a competição e o individualismo, deixando um vazio existencial nas pessoas nele integradas e a revolta nas que dele são excluídas, levando umas e outras para o mundo das drogas. 

(Continua no próximo número)

Quando o consumo de drogas escapa ao controle sociocultural tornando-as acessíveis a qualquer pessoa (inclusive a crianças e adolescentes), seus efeitos podem ser mortíferos.



Jesus e olhando o próximo com o seu olhar, queremos construir um mundo onde o ser humano encontre a felicidade e não precise mais buscar nas drogas um prazer ilusório.

Objetivos da CF-2001

A Campanha da Fraternidade de 2001, em fidelidade ao que acima foi colocado, tem por objetivo geral mo-

Rodocídio

Frei Betto

No Brasil, a morte vem motorizada, e não a cavalo, como nas imagens do Apocalipse. Cerca de 40.000 pessoas morrem por ano em acidentes de trânsito. Para se ter uma idéia do que isso significa, no Vietnã, em oito anos de guerra, perderam a vida 50.000 pessoas.

No período de Natal, o número de colisões nas rodovias de São Paulo cresceu 48,2%, em relação ao Natal de 1999. Naquele ano, registraram-se 608 colisões. Em 2000, elas chegaram a 901. Morreram 69 pessoas. Em todo o país, entre sexta, 22/12, e o réveillon, 199 pessoas perderam a vida nas estradas. E 2.053 ficaram feridas. O brasileiro dirige mal/mau. Aqui cabem o substantivo e o adjetivo. Imbuído da síndrome de Ayrton Senna, julga-se um ás no volante. Os outros é que são inseguros, pernas-de-pau, imprudentes. Alheio ao valor de uma vida humana, o motorista faz ultrapassagens irresponsáveis, avança o sinal vermelho, não respeita faixa de pedestre, ignora a diferença de dirigir sob tempo ensolarado ou chuvoso.

Mau-caráter, há motorista que, ao passar por um radar de controle de velocidade, pisca os faróis para os demais. É como se ele dissesse: "Enfia o pé, mas cuidado para não ser multado logo à frente". Salva-se o dinheiro, perdem-se vidas.

O carro é uma extensão do corpo. Assim como jovens recrutas adquirem uma coragem suplementar ao vestir uma farda, também certos motoristas são tomados por ímpetos de prepotência ao postar-se atrás do volante. Eles têm pressa, irritam-se com os congestionamentos, não admitem atrasos, motivos suficientes para justificar loucuras no trânsito. Brigam por um palmo de dianteira, "costu-

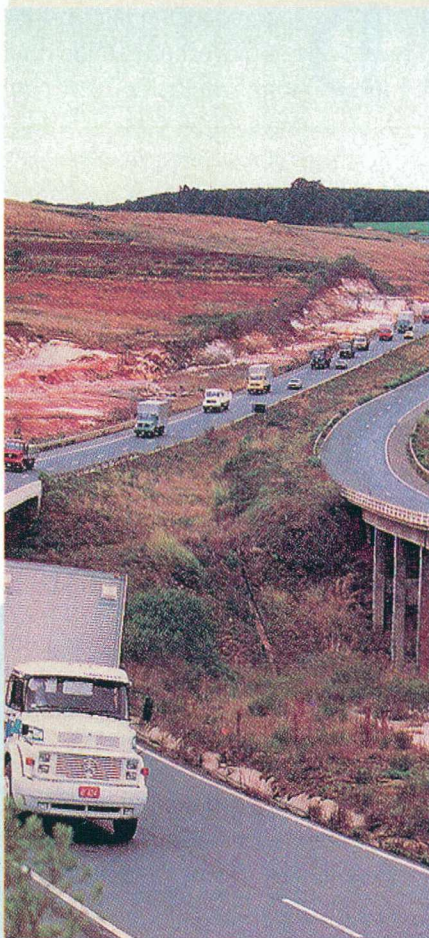


Foto: arquivo

ram" entre os outros veículos, aceleram raivosamente, mesmo sabendo que serão obrigados a parar no próximo sinal vermelho.

Por falta de cidadania, tais motoristas têm vergonha de mostrar-se educados, ceder a vez, deixar que o outro adiante-se e, sobretudo, pôr o pé no freio ao ver um pedestre atravessar a rua. Quantas vezes, você motorista, pára o carro para dar preferência ao pedestre? Ora, raciocinam

alguns, por que vou parar e receber uma buzinação por trás se o pedestre é mole e não cruza a via com agilidade? Com freqüência, há carros estacionados junto às rampas das calçadas destinadas aos carrinhos de bebês e cadeiras de rodas.

Por ruas e estradas do Brasil trafegam 20 milhões de veículos, a metade com mais de 10 anos de uso. Muitos circulam em condições precárias. A sinalização deficiente e a má conservação das pistas contribuem para o rodocídio. E tente ligar para o 0800 de informação sobre as condições das estradas. Como no jogo, só com muita sorte se é atendido. Malgrado a balança de controle, inúmeros caminhões carregam peso acima do permitido, danificando as estradas. E nem sempre as firmas contratadas para recapeá-las fazem um serviço de boa qualidade, economizando custos para obter mais lucros, sem pensar que um buraco mal tapado pode provocar acidentes com mortes.

A Polícia Rodoviária realiza um bom trabalho, embora haja policiais que, no país do jeitinho, aceitam propinas para fazer vista grossa diante de infrações graves ou cedem frente ao argumento de "otoridade" (Sabe com quem está falando?).

Temos o Código de Trânsito Brasileiro e, agora, campanhas educativas na TV. Seria importante as escolas somarem nesse esforço, como ocorria em meu tempo de grupo es-

colar, visitado freqüentemente pelo inspetor Pimentel que, munido de uma maquete repleta de carrinhos, divertia e instruía a criançada.

Não conheço um único motorista que tenha perdido a carteira ao alcançar 20 pontos de infrações. Exceto um, o senador Eduardo Suplicy, que admitiu o erro e entregou a sua habilitação ao Detran de São Paulo. Agora, cabe ao senador, refeitas as provas de direção, dar o exemplo de respeito às leis do trânsito, mantendo zerada a sua pontuação.

É curioso constatar que há campanhas em prol do controle de natalidade, visando conter a explosão demográfica, mas ninguém fala em limitar o número de veículos nas ruas, apesar dos congestionamentos, da poluição, dos vidutos que ferem a estética da cidade e de outras tantas obras que devoram os recursos públicos para favorecer a minoria formada pelos motoristas particulares.

Por que será que não há estatísticas sobre acidentes de motos? Os motoqueiros dividem-se entre os que já caíram e os que ainda vão cair. Jô Soares que o diga. Com certeza o uso de "side-car" reduziria consideravelmente o número de vítimas de acidentes de motos.

A dificuldade é que, no reino do deus mercado, acumular ganhos financeiros importa mais do que preservar vidas. Não fosse assim, todos os veículos teriam reduzido o seu potencial de velocidade e bebidas alcólicas não seriam vendidas nas rodovias. A meu ver, a pressa não é só inimiga da perfeição. É também um sintoma de infelicidade.



Frei Betto, escritor, é autor do romance "Alucinado Som de Tuba" (Ática), entre outros livros.

Droga não rima...

Pe. Zezinho

Droga não rima com centenas de verdades. Não rima com felicidade nem com amizade. Não rima com sinceridade nem com liberdade. Às vezes rima com fraternidade, mas aquilo com o que mais rima é com ansiedade e perda de identidade. Milhões de vezes já rimou com crueldade, chacina, e mortandade porque tira a sensibilidade e a caridade.

Rima com todo o tipo de prisão, com morte e destruição, gangues e grupos armados e bandidos refinados. Rima com muita vingança e com sangue derramado com alto risco de vida, com violência desmedida e muito pouca esperança.

Droga rima com demônio e, no fim, com manicômio. Deixa o sujeito medonho ou triste, abatido, tristonho, sem rumo certo na vida. E se traz a euforia, leva embora a alegria. Droga rima com muita coisa, mas é uma rima quebrada, que já começa estragada e acaba dando em nada.

Se quer ouvir um conselho e se ainda não entrou, não entre por esta porta. Quase sempre quem entrou, quando de lá regressou, voltou ferido na alma, sem esperança e sem calma. A droga só tem mentira. O traficante também. Ele

parece fraterno, quando você diz amém. Promete um sucesso eterno, mas joga você no inferno, quando você lhe diz não. Droga não tem compaixão.

Se você caiu na droga e pensa em sair um dia, comece a sair agora! Você tem força lá dentro. Mas



Foto: arquivo

a deus ao traficante. Pegue esta força de volta e a ponha nas mãos de Deus. E diga chorando alto: Deus, eu me quero de volta! Devolve o meu eu pra mim. Não quero viver assim. Eu já sei o que é inferno. Agora eu quero o teu céu.

Bem antes daquele dia, você se terá de novo! Droga rima com dor. Já machucou muita gente, muitos jovens do meu povo. Mas se for este o seu caso, volte a ser e a conviver. Deus consegue refazer. A palavra é renascer!



Pe. Zezinho é escritor, compositor, cantor e conferencista.

Globalização colocada em xeque

J. B. Libânio

A globalização está na cauda de uma série de fenômenos sociais. Possibilitam-na os avanços tecnológicos da ciência da comunicação que consegue fazer circular com enorme velocidade toda série de informações pelo mundo inteiro. Quem se aproveitou ao máximo desses inventos foi o capital financeiro. Em falando de globalização, vem-nos à mente a circulação dos gigantescos fluxos econômicos. As jogadas trilionárias no mundo dos capitais atingem os bancos, as bolsas, os investidores em fração de minutos.

Este poder econômico está crescendo de tal maneira que ameaça a soberania até de países poderosos e pode levar instituições venerandas à falência. Haja vista aquela jogada de mais de bilhão de dólares do executivo alemão na Ásia que arruinou um tradicional banco inglês.

Esta globalização econômica está também na origem das sucessivas crises dos países em desenvolvimento. Vivemos recentemente os efeitos deletérios de crises na Ásia, da intranquilidade do Oriente Médio afetando o preço do petróleo. Hoje qualquer incerteza no mundo econômico nalgum rincão do globo afeta em termos de ganhos e perdas todos os outros mercados. Acontece o triste detalhe que os ganhos vão para os mais ricos e as perdas caem para o lado dos mais fracos. A globalização econômica acompanha a lei darwiniana do dinheiro. Os mais ricos sobrevivem e fortalecem-se, os

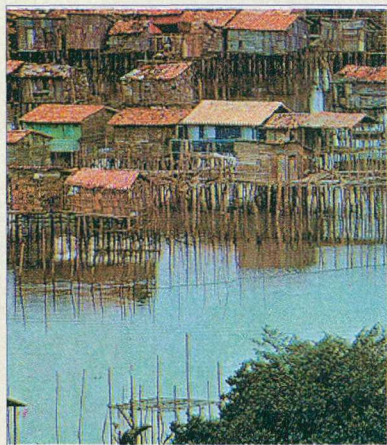


Foto: arquivo

mais fracos se esvaem até sua morte. Se não houver mudanças drásticas, ela não servirá para a solução dos problemas econômicos dos mais pobres, e sim para o fortalecimento dos mais fortes. Aliás são eles que desenvolvem a tecnologia da comunicação. Seria muito difícil acreditar que o fizessem em vista dos mais pobres. Suporia um milagre tão grande que até o santo desconfiaria...

No nível cultural e da criação de solidariedade entre as pessoas é possível aproveitar dessa globalização em prol dos mais pobres. Já houve casos em que a globalização serviu aos interesses de operários que lutavam contra uma empresa também globalizada. Este é um dos sonhos bonitos da globalização. Os carentes de qualquer necessidade poderiam então fazer valer suas necessidades de modo que a ajuda poderia vir de qualquer parte do mundo. Para atos isolados, isto já acontece com certa frequência. Uma catástro-

fe nalguma parte do mundo provoca por obra da globalização das notícias uma onda de solidariedade.

Há um passo à frente. Trata-se de superar eventos isolados e ir criando uma cultura de solidariedade. Nesse caso, elos estáveis entre grupos humanos de todo o mundo se formariam em vista de defesa dos direitos fundamentais dos pobres — continente, povos e pessoas.

Imaginemos uma solidariedade mundial a respeito da revisão das dívidas externas e internas dos países alimentada por informações globalizadas, por pressões vindas de todo o mundo, afetando assim a vida interna dos poderes credores. É imaginável uma globalização em defesa da ecologia mundial. Não se permitiria o deslocamento sistemático das indústrias atrasadas e poluentes para os países do III Mundo. Não se tolerariam acordos internacionais para a construção de usinas nucleares nem termelétricas que danificassem o meio ambiente. Só uma globalização da mesma envergadura do poder daqueles que cometem esses crimes ecológicos e econômicos teria condições de evitá-los. Numa palavra, a globalização é espada de dois gumes. Até agora, tem cortado em função dos poderes e em detrimento dos mais fracos. Cabe lutar por nova figura em que ela seja em prol do bem da humanidade toda.



J.B. Libânio é professor e diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (CES), Belo Horizonte, MG.

Senhora Conquistadora

Roque Vicente Beraldi

Desde 1609 os Missionários Jesuítas trabalhavam nas Reduções, que abrangiam os três Estados do Sul do Brasil, (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), o Paraguai, a Argentina e o Uruguai nos seus lados conhecidos como oriental e ocidental. Em 1619, o Provincial do Paraguai, Pe. Pedro de Onhate, confiou ao missionário Pe. Roque González e companheiros, a incumbência de cristianizar aquela região. Em carta a ele dirigida comunicava: "A Companhia de Jesus e esta Província (do Paraguai), entregam a Vossa Reverência a empresa mais gloriosa e suprema de que dispõe o nosso Instituto: a da conversão da gentildade e de tantas almas que se encontram nas ditas regiões".

Para isso, cientes da debilidade humana, foram-lhe indicadas as fontes das forças necessárias, "sentindo que para tão árdua empresa - como é claro - não bastam as forças humanas, Vossa Reverência deve pôr a sua confiança no auxílio divino, pedindo a Nosso Senhor a bênção para essa conversão com muitos sacrifícios e gemidos ao céu: o que se fará também em toda a Província".

O santo mártir Roque González, empreendeu seus trabalhos, conforme orientações superiores. Levava consigo nas longas e pe-



Pintura do Ir. Bernardo Rodrigues, SJ.

Oração a Nossa Senhora Conquistadora

*Fazei, ó Deus, que,
ao celebrarmos a memória
da Virgem Maria,
Conquistadora dos corações,
por sua intercessão, também
nós possamos participar da
plenitude da vossa graça.
Por Cristo Senhor nosso.
Amém.*

rigosas caminhadas, uma estampa da Imaculada Conceição, a quem deu o nome de "Conquistadora" visto o êxito das conversões que conseguia, tais como os chefes índios que em muito colaboraram pela expansão do trabalho missionário.

O Irmão Bernardo Rodríguez pintou a efígie de Nossa Senhora Conquistadora, baseado num quadro da Imaculada Conceição feito pelo Irmão Luís Berger.

Depois da expulsão dos Jesuítas, do Brasil, a veneração a Nossa Senhora Conquistadora, ficou esquecida. Aos poucos, porém, foi recuperando o fervor devocional. Hoje, Nossa Senhora Conquistadora tem para sua homenagem, um Santuário diocesano em Bagé. É Padroeira da Diocese de Uruguaiana. Os Padres Palotinos também a proclamaram padroeira da Província do Sul.

Anualmente, em Bagé, no quarto domingo de outubro, se realizam Romarias ao Santuário. Em Uruguaiana, se faz a Romaria Itinerante, ou seja, cada ano, numa cidade da diocese, em louvor de Nossa Senhora Conquistadora.

Os bispos de Bagé, Dom Laurindo Guisardi, CS e de Uruguaiana, Dom Frei Ângelo Domingos Salvador, OFM Cap forneceram estas informações.



Roque Vicente Beraldi é missionário claretiano.

Ymyrapytã: 500 anos!

Elias Leite



YMYRAPITÃ: *ybyrá*: árvore, madeira + *pytã* (pytanga): vermelha, cor de fogo ou brasa. Daí, Brasil ou braseiro.

Continuamos a série de nomes de cidades de origem tupi, iniciada em janeiro/2000, em homenagem aos assinantes, que residem nessas cidades.

GLOSSÁRIO ETIMOLÓGICO

CIDADE	NOME EM TUPI	SIGNIFICADO	MUNICÍPIO
JAÚ (SP)	ya'una	ya : o indivíduo + ú (una): o escuro, o negro. Nome de um peixe de rio. Surubim é o pintado.	103.601 habitantes: 51.512 homens, 52.089 mulheres; da área urbana 97.088, da área rural 6.513 / 718 km ² .
JUNDIAÍ (SP)	yundiá'y	yundiá : o bagre + y : rio dos bagres.	293.373 hab.: 144.722 h., 148.651 m.; área urb.: 276.547, rur.: 16.826 / 432 km ² .
JUSSARA (GO)	yu'çara	yu : espinho + çara : o que dá coceira = nome de uma palmeira, cujos espinhos causam coceira. Nome de cidades da BA, CE e PR. Nome de pessoas.	20.243 hab.: 10.252 h., 9.991 m.; área urb.: 14.572, rur.: 1.054 / 5.981 km ² .
MAIRIPORÃ (SP)	mairy'poranga	mairy : cidade (nome dado pelos tupis ao agrupamento dos franceses (mairy'reya)+ poranga : bonito. Cidade bonita. (Antiga Juqueri).	49.893 hab.: 25.143 h., 24.750 m.; área urb.: 42.100, rur.: 5.948 / 310 km ² .
MANHUAÇU (MG)	mand'i'yu	mandi+yuba : mandi amarelo (peixe) + açu : grande (manjuba). Nome do rio e da cidade. T. Sampaio interpreta: aman'y : chuva + açu : grande.	69.344 hab.: 34.653 h., 34.691 m.; área urb.: 48.606, rur.: 20.738 / 1.143 km ² . Cafeicultura. Pecuária.
MANHUMIRIM (MG)	mand'i'yu	mandi-yuba (mandyú) mandi amarelo + miri : pequeno. T. Sampaio interpreta: aman'y : rio da chuva + miri : pequena.	21.467 hab.: 10.702 h., 10.765 m.; área urb.: 15.664, rur.: 5.803 / 521 km ² .
MAUÁ (SP)	mba'uã	mbaé : coisa + uã : alto, elevado = parte elevada de um local.	342.909 hab.: 169-843 h., 172.966 m.; rur.: 342.909 / 78 km ² Indústrias. Pólo petroquímico.
MOJI-GUAÇU (SP)	mboy'jy	mbboy : cobra + y : rio: rio das cobras+ guaçu : grande.	114.546 hab.: 57.896 h., 56.650 m.; área urb.: 104.988, rur.: 9.558 / 960 km ² .

OBSERVAÇÕES: Dos nomes locais de origem tupi, uns conservam a forma original, outros foram alterados na grafia; outros ainda, por formação inadequada e até fantasiosa, não correspondem à origem da língua e têm sua interpretação dificultada, às vezes até impossível. Como era língua só falada, a grafia ficava por conta do ouvido de quem escrevia. Fontes: IBGE (1996), Enc. Larousse Cultura (1998) e Folha de São Paulo.

Frasesologia cristã em nos

Francisco Gomes de Matos

Frasesologia e cultura: influência recíproca

No Congresso da Sociedade Internacional Português Língua Estrangeira (SIPLE), realizado na Universidade de Brasília no final de novembro do ano passado, tive o prazer de assistir a uma apresentação de uma colega cubana, Maria Luiza Ortiz — agora docente na UnB — sobre a importante área de Estudos Fraseológicos. Após a exposição demonstrativa, perguntei se já lhe tinha ocorrido pensar em sistematizar a frasesologia cristã usada em Cuba, pois o acervo brasileiro de frases inspiradas pelo Cristianismo já vinha sendo objeto de minhas reflexões em encontros com professores de Português para falantes de outras línguas. Dado o interesse despertado por meu comentário, resolvi transformar minhas idéias num breve texto que agora compartilho com os leitores desta revista, cada vez mais acessada eletronicamente por quem trabalha com Crítica Cultural, Educacional, Social, Direitos Humanos, Comunicação, Cultura Brasileira, Pensamento Católico Contemporâneo, etc.

Em educação lingüística, um dos princípios mais importantes é o de que o vocabulário de uma língua tanto reflete os variados sistemas da Cultura, como neles influi. Assim, quem quiser saber de que modo a administração, a economia, a informática estão sendo tratadas e retratadas na cultura brasileira, encontrará nas respectivas terminologias valiosos indicadores.

Como um dos sistemas culturais



Promeesseiros seguram a Corda do Círio de Nazaré, Belém, Pará.

Foto: arquivo

expressos através da linguagem (falada, escrita, de sinais — no caso de pessoas surdas — e de Braille, no caso de pessoas cegas), o Cristianismo oferece um expressivo e variado conjunto de expressões, a maioria das quais usadas na interação falada cotidiana. Que a frasesologia cristã possui valor comunicativo, pode ser constatado pela publicação, numa revista de grande circulação nacional, de um texto publicitário de uma indústria automobilística, no qual se fazia uso de frasesologia oriunda de um sincretismo, isto é, de uma mistura de frasesologia de base cristã (popular) e afro-brasileira. Eis a mensagem, com as expressões devidamente grifadas:

- **A** (nome da empresa) **jura por Deus,**
- **por Nossa Senhora Aparecida,**
- **pela Virgem de Nazaré,**
- **pelo Padre Cícero,**
- **por Xangô,**
- **esse** (marca do carro) **é nacional.**

Para quem ensina Português, o texto acima constitui amostra comprobatória de que podemos fazer uma promessa, recorrendo a um vocabulário que vai do bem informal (gíria) — **jurar por Deus** — ao informal (loquções com **por/pelo/pela** (acima). Culturalmente, o texto tem a ver com a frasesologia originária de três cidades brasileiras: Aparecida do Norte, SP, Belém, PA e Juazeiro do Norte, CE. Em nossa vida comunicativa diária, que itens da frasesologia cristã usamos, ouvimos? Com que frequência serão usados, por quem, onde, quando, por quê?

Que expressões serão de uso


sa vida

compartilhado, por adolescentes, jovens e adultos? Até que ponto os livros didáticos — para ensino de Português como língua materna ou estrangeira — reconhecem, e exemplificam esse tipo de vocabulário, ao tratarem da cultura brasileira? Apresentamos, a seguir, uma listagem — a ser complementada pelos leitores

interessados — resultante de nossa experiência docente no Programa de Língua Portuguesa e Cultura Brasileira (para estrangeiros) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em Recife. Na enumeração seguinte, às vezes são apresentadas variantes de uma expressão. (veja quadro ao abaixo).

Que expressões, das listadas, estarão sendo usadas nos 7 países da Comunidade de Língua Portuguesa? A conhecida expressão lusa *Ai, Jesus!*, será generalizada? E os provérbios populares, como *Deus escreve certo por linhas tortas*? Por

que alguém usa "batizado" para intensificar uma expressão ecologicamente discriminatória, como em "É um cavalo batizado"?

Por outro lado, por que se ouve falar do trabalho de alguém como sendo um "apostolado", "um sacerdócio"? Tudo isso reflete o fato de que fraseologia cristã e cultura estão intimamente relacionadas. Aos leitores que enviarem outros exemplos, através do e-mail fccgm@cashnet.com.br agradecerei, dizendo *Deus te pague!* 

Francisco Gomes de Matos é professor e pesquisador do Departamento de Letras, em Direitos Linguísticos, da Univ. Federal de Pernambuco. e-mail: fccgm@cashnet.com.br

Fraseologia cristã — Uma lista de referência

Expressões com Deus

1. Deus é bom! / Deus há de prover!
2. Deus me livre! / Que Deus me livre!
3. Deus te pague. / Que Deus te pague .
4. Deus te proteja. / Que Deus te proteja.
5. Deus te abençoe.
6. Louvado seja Deus.
7. É vontade de Deus. /Seja feita a vontade de Deus.
8. Fé em Deus e pé na tábua!
9. Graças a Deus. / A gente precisa dar graças a Deus
10. Meu Deus. / Meu Deus do céu!
11. Pelo amor de Deus!
12. Por Deus!
13. Que Deus me perdoe!
14. Queira Deus./ Queira Deus(que algo aconteça,etc).
15. Se Deus quiser!
16. Só Deus sabe!
17. Vá/Vão com Deus.
18. Valha-me Deus/ Valha-nos Deus!
19. Isso é uma ofensa a Deus.
Estou/Está/Estamos ofendendo a Deus.
20. Santo Deus!
21. Deus é brasileiro.
22. Foi um Deus- nos-acuda!
23. Que o bom Deus te ajude .
24. Sou filho/filha de Deus. / Também sou filho de Deus.
25. Benza Deus! (elogio feito por adultos, sobre criancinhas).

Expressões com Virgem Maria, Nossa Senhora e equivalentes

1. Ave Maria! / Virgem Maria! / Virgem! / Santa Maria!
2. Nossa! / Nossa Senhora! / Nossa mãe de Deus ! / Minha nossa!
3. Pela mãe de Deus! / Por Nossa Senhora! / Pela Virgem Maria! / Virgem Santa! / Virgem Santíssima!

Outras expressões

1. Credo!
2. Isso é um pecado!
3. (Nome de mulher) é uma santa!
4. (Nome de homem) é um santo!
5. Tenha santa paciência,mas...
6. É um santo remédio ...
7. Ai, meu Anjo da guarda!
8. Ai, meu santo protetor!

A Igreja e escravidão dos

Ronaldo Mazula

Cremos que não é possível entender a história da colonização do Brasil e da América Latina sem considerar o problema da escravidão. Para portugueses e espanhóis não se pensava em organizar o sistema colonial sem ela. As autoridades colonialistas, apoiadas por argumentos pontifícios, justificavam a escravidão, tanto para índios como para negros, infiéis e pagãos.

Foto: arquivo



Problema da escravidão

No caso do Brasil, frustrados por não terem encontrado ouro e prata em abundância, os portugueses implantaram, inicialmente, a produção da cana-de-açúcar que necessitava muita mão-de-obra escrava. Esta foi utilizada, posteriormente, na exploração do ouro e na produção cafeeira. Infelizmente, muitos membros da Igreja foram favoráveis àquela repugnante instituição: prova disso foi a ausência dela nos movimentos que promoveram a emancipação dos escravos negros, ao contrário do que aconteceu no caso da escravidão do índio, à qual muitos missionários se opuseram.

No momento da descoberta do novo mundo, a escravidão não era uma instituição, cujo princípio pudessem ser objeto de contestação. No século XV, ainda era praticada na Europa, nomeadamente na Sicília e na Itália. Em 1434, uma bula do papa Nicolau V dava ao rei Afonso de Portugal o direito de escravizar os povos infiéis. Assim, em 1495, a possibilida-

de de reduzir os indígenas à escravidão permitiu invocar o direito natural de pregar e converter os infiéis... Os índios caraíbas, julgados por Colombo e os primeiros conquistadores como canibais e rebeldes à evangelização, foram, pois, propostos como escravos... Os índios, não podendo sobreviver aos trabalhos forçados nas minas de ouro de la Hispânica, pereceram em massa. Decidiu-se, então, substituí-los por mão-de-obra que fosse mais apta à escravidão e, empreendeu-se o tráfico de negros. Raras foram as vozes discordantes contra a escravidão, depois da morte de Las Casas.

Nas Ilhas Canárias, durante todo o século XVI, a escravidão foi o modo de produção dominante, legalizado e justificado pela Igreja. O que os bispos criticavam é a aquisição de escravos por meios ilícitos, como as guerras injustas. Mas para a Igreja, a escravidão tinha como objetivo a conversão dos infiéis que eram os negros africanos. Servia à salvação de sua alma. A prática escravagista retomou assim estatuto de

normalidade, de sorte que, nas Ilhas Canárias, bispos, canonistas, cônegos, clérigos e religiosos possuíam eles próprios 21% dos escravos. (cf.: DUSSEL, H. *História Liberationis. 500 anos de História da Igreja na América Latina*. SP, EP-Cehila, 1992, p. 532-533).

Visão do negro na Igreja

Infelizmente, longe de ter apoiado os escravos, a Igreja foi a primeira muralha levantada diante deles para que pudessem retomar a própria dignidade. Porque a visão do negro africano, que era partilhada pelo conjunto do clero da Europa e no continente novo, do começo do século XVI ao fim do século XIX, era totalmente racista. Sem dúvida em primeiro lugar a partir dessa visão que se pode captar a pastoral desenvolvida pela Igreja junto aos escravos. A maldição de Cam com que se julgava ferir o negro africano, por causa de sua própria cor, era o primeiro esquema que dominava o clero colonial nas Américas.

negros do século XV ao XIX

Escravidão no Brasil

Os primeiros escravos africanos foram trazidos de diversos pontos da costa ocidental da África (entre Angola e São Tomé), controlada por Portugal. Vinham de nações agrícolas, com certa estratificação social; comparados aos indígenas brasileiros, sua civilização era mais desenvolvida. Eram obtidos por raptos, guerra ou compra. O desembarque no Brasil aconteceu em Pernambuco, Bahia, Paraíba, Alagoas e Sergipe. No século XVI devem ter chegado uns 30 mil escravos negros.

No século XVII, a prosperidade e o número de engenhos iam aumentando e na mesma proporção crescia a demanda de escravos. Ao chegarem, eram separados de suas famílias para que fosse evitada toda possibilidade de integração grupal e resistência. Apesar disto, importantes foram os quilombos, a forma mais temida de resistência dos escravos.

Eram núcleos estáveis de escravos fugitivos, via de regra, em lugares de difícil acesso. Eram pequenos e de pouca duração. Quando se conservavam mais tempo, solidificavam-se com atividades agrícolas e artesanais e tinham certa organização política, que era autoritária e estava sob a direção de um líder carismático. O maior de todos foi o Quilombo dos Palmares, AL, liderado por Zumbi e destruído por grande exército. Aos poucos, ante o processo de industrialização iniciado na Inglaterra e na Europa, foi crescendo a Campanha Abolicionista. O trabalho escravo, que não era remunerado, começava a ser visto como con-

corrência perigosa ao trabalho industrial assalariado, pois uma economia escravocrata dificultava a circulação de mercadorias diante do fato das pessoas não terem poder de compra.

No Brasil, outro fator que favoreceu a campanha foi a ordem racial: o número de negros era muito grande, mais da metade da população. Outro ponto foi a grave epidemia de febre amarela, em 1850, na Bahia, atribuída aos navios negreiros.

Os principais destaques da campanha abolicionista, no Brasil, foram Luís Gama, Joaquim Nabuco, Antônio Bento. Após a promulgação da 'Lei Áurea', em 13/5/1888, foram libertados cerca de 723 mil escravos com mais de 16 anos de idade. Todos eram analfabetos e não houve nenhuma medida legal em favor dos libertados. Tinham que entrar no mercado de trabalho e competir com as outras mãos-de-obra, principalmente os imigrantes europeus. A maioria caiu na miséria e na mendicância, (cf.: KELLER E.D. *A Igreja no Brasil. Das tribos indígenas às comunidades de base*, SP, FTD, 1988, p. 73-74).

No século XVII, a prosperidade e o número de engenhos iam aumentando e na mesma proporção crescia a demanda de escravos.

Ronaldo Mazula é missionário claretiano e professor de História da Igreja.

BIBLIOGRAFIA

- ALVAREZ GÓMEZ, J. *Manual de História de la Iglesia*. Madrid, Publicaciones Claretianas, 1987.
BIDEGÁIN, A. M. *História dos Cristãos na América Latina. Vol. I, Petrópolis, Vozes, 1993.*
DUSSEL, H. *História de la Iglesia en América Latina. Bogotá, USTA, 1984.*
DUSSEL, H. *História Liberationis. 500 Anos de História da Igreja na América Latina. São Paulo, Paulinas-Cehila, 1992.*
GONZALEZ, J. L. *Uma História Ilustrada do Cristianismo. A Era dos Conquistadores. Vol. VII, São Paulo, Vida Nova, 1986.*
HOORNAERT, E. *História do Cristianismo na América Latina e no Caribe. São Paulo, Paulus, 1994.*
MARTINA, G. *História da Igreja de Lutero a nossos dias. Vol. II, São Paulo, Loyola, 1999.*
FLORES, M. *Reduções Jesuíticas dos Guaranis. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1997.*
HOORNAERT, E. (organizador). *Das Reduções Latino-Americanas às Lutas Indígenas Atuais. São Paulo, Cehila-Paulinas, São Paulo, 1982.*
KELLER, E.D., *A Igreja no Brasil. Das tribos indígenas às comunidades de base*, SP, FTD, 1988.
BRUNEAU, T. C. *Religião e Politização no Brasil. São Paulo, Loyola, 1945.*
COMBLIN, J. *A Situação Histórica do Catolicismo no Brasil. in REB, Vol. 26, fasc. 3, 1996.*
VV.AA. *História da Igreja no Brasil. Vol. II/1, Petrópolis, Vozes-Paulinas, 1983.*

Foto: arquivo

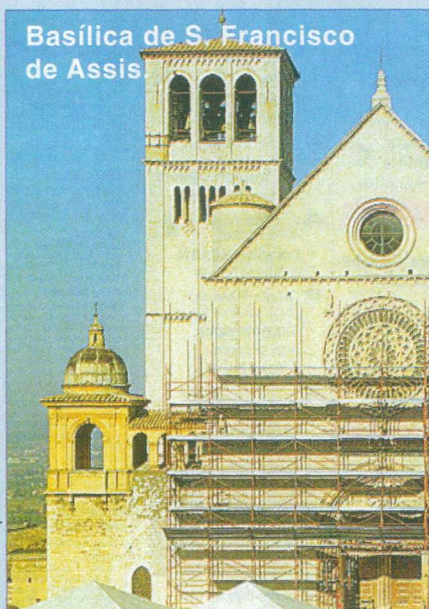


1 de fevereiro

Santa Veridiana

O início do século XIII marcou, na Igreja e no mundo, o período em que viveram santos conhecidos e populares: Clara, Domingos, Antônio de Pádua e Francisco de Assis. Como já mencionamos em números passados, foi no século XIII que o papado alcançou seu apogeu, em que a Igreja, já no fim da Idade Média, teve presença insubstituível no destino do mundo ocidental. Com poder extraordinário, muitas vezes, dedicou-se tanto aos assuntos tempo-

Fotos: arquivo



rais, que perdeu de vista sua missão espiritual e evangelizadora. Em alguns momentos, cometeu arbitrariedades e se afastou da verdade. Provocando reações em homens, mulheres e instituições, que quiseram uma volta à Igreja dos evangelhos, mais humilde, pobre, carismática e testemunhante. Muitos dos que protestaram contra, optaram pelo caminho do cisma e da heresia. Santos e santas foram os arautos da reforma da Igreja, ajudando-a a cumprir a missão que lhe tinha sido conferida pelo próprio Cristo.

Veridiana de Castelfiorentino não é muito conhecida, mas foi uma dessas santas que procurou viver a fidelidade

3 de fevereiro

São Brás – (1872-1940)

Nos primeiros séculos da organização e expansão cristã, houve perseguições e incompreensões da cultura romana em relação ao Cristianismo. Apesar do tradicional princípio da 'tolerância religiosa' adotado pelo Império Romano, o Cristianismo era considerada 'religião ilícita' e vinha sendo perseguido desde o século I. Muitos cristãos deram a vida em nome da fé, sendo por isso chamados de mártires, isto é, as 'testemunhas' da fé. Além deles, havia o exemplo dos confessores que manifestavam a fé diante dos márti-

rios, exílios e desterros, confisco de bens, calúnias e vexações. É claro que houve cristãos que apostataram ou se tornaram 'lapsos', ou seja, diante da morte, abandonaram momentaneamente a fé cristã. Apesar disso, o testemunho e a fidelidade da grande maioria chamaram a atenção e, paulatinamente, foi crescendo o número dos seguidores de Jesus Cristo. No final do século III e início do IV, o Imperador Diocleciano (284-305) planejou unificar mais o grande Império Romano, que já dava inícios de decadência. Adotou o seguinte princípio seguido por muitos de seus antecessores: a unificação política com a unificação religiosa, ou seja, todos os súditos do Império deviam adorar os mesmos deuses. Aquela atitude atingiu diretamente os cris-

tãos que não aceitavam. Por isso, vários decretos, entre os anos 303 a 305, aumentaram a perseguição. Muitas foram as vítimas cristãs, daquela que foi a última perseguição sistemática contra os cristãos. Naquela mesma época surgiu Constantino, imperador romano que, simpatizando-se com os cristãos, acabou com as perseguições, em 311. Em seguida, libertou os cristãos e reconheceu o Cristianismo, Edito de Milão, 313. Após aqueles acontecimentos, ainda houve alguns mártires em pontos isolados do grande Império Romano.

São Brás nasceu naquele contexto de perseguição aos cristãos e testemunhou a libertação concedida à Igreja por Constantino. Brás nasceu na Armênia, em torno do ano 250 e dedicou-se à medicina. Sua vida foi marcada pelo

— (1182-1242)

a Cristo e que, como Francisco e Clara, pregou a pobreza, a humildade e a simplicidade numa época em que a Igreja estava se desviando para o caminho perigoso e ambíguo das riquezas e poder. Ela nasceu perto de Florença, cidade berço do movimento renascentista. Era de família nobre, mas sempre levou uma vida muito simples. Sua história pode ser dividida em três momentos bem distintos, sendo que em cada um procurou sempre manter viva a sua fidelidade ao Cristo no serviço aos pobres e na vida de oração.

Num primeiro momento a vemos trabalhando como administradora do armazém de cereais de um dos seus

tios; neste serviço sempre ajudou os pobres. Num segundo momento, ela se cansa desta vida e, como era comum naquela tempo, começou a levar uma vida de peregrina e penitente pobre. Após aquela fase, voltou à sua cidade natal e levou uma vida de reclusão, penitência, oração e solidão por mais de 34 anos. Era muito procurada e a todos ajudava com santos e sábios conselhos e suas orações. Foi visitada pelo próprio São Francisco de Assis que a aceitou na Ordem Terceira Franciscana. Ao morrer, foi aclamada pelo povo como santa e ainda hoje ela é muito venerada na Itália.

Para nós, que já vivemos no con-

texto do Terceiro Milênio, nesta época de tantas contradições, de tantos falsos valores e ídolos e de poucos referenciais, Santa Veridiana é modelo de:

- cristã fiel que tendo muitos bens materiais deixa-os de lado para se dedicar ao Deus verdadeiro;
- mulher bondosa e atenta às necessidades de todos, especialmente, os mais pobres e carentes;
- peregrina que procura levar na pobreza e simplicidade a mensagem evangélica;
- mulher que consagra, com a vida contemplativa e reclusa, viver da oração e a partilhar com seus contemporâneos a graça divina.



exercício sério e caridoso de sua carreira. Tanto assim que ao morreu o bispo de Sebaste, sua cidade, o povo o elegeu para a sucessão episcopal, cargo que desenvolveu com fidelidade e dedicação, exortando todos os cristãos

a permanecerem fiéis, não obstante as perseguições. Após o Edito de Milão, o imperador do Oriente, Licínio, por oposição política a Constantino, imperador do Ocidente, passou a perseguir os cristãos e houve muitos mártires. São Brás refugiou-se numa gruta, de onde dirigia e orientava os seus fiéis. Quando foi descoberto, assumiu a sua fé. Foi então processado e condenado a duras torturas, que sofreu com fidelidade e amor a Cristo. Diz a tradição que quando se dirigia ao martírio, uma mãe lhe trouxe um filho que tinha uma espinha de peixe na garganta e estava para morrer e Brás o salvou. Por isso, ele é considerado o santo protetor dos males da garganta e no dia de sua festa se faz o ritual da bênção, com a imposição de duas velas cruzadas sobre o

pescoço e com a oração: "Pela intercessão e méritos de São Brás, bispo e mártir, Deus te livre dos males da garganta e de todos os outros males".

Hoje muitos são os males que afligem a população mundial: câncer, Aids e outras doenças, falta de hospitais e assistência médica decente, fome, desemprego e subemprego. Neste contexto, precisamos de homens que, como São Brás, sejam modelo de:

- fé em Deus e total dedicação a Ele na pessoa dos pobres e pequenos;
- amor à Igreja e testemunho eclesial em todas as situações do cotidiano;
- dedicação profissional com atenção aos mais abandonados;
- médico que cuida dos males físicos, mas também, está atento aos males contra a vida espiritual.



Crenças que falam

Wimer Botura Jr.

Vou contar um caso, muito mais sutil e delicado, em que podemos medir a força das crenças na vida das pessoas.

Norberto tem hoje cinquenta anos de idade e foi educado dentro de um rígido conservadorismo religioso e machista. É um ejaculador precoce, com tendências depressivas, e só não é considerado um alcoolatra por ser trabalhador. Mesmo sob efeito de álcool, não chega a faltar em seu serviço.

Este senhor tem um bom cargo na empresa em que trabalha e uma faixa salarial elevada. Começou a beber com mais frequência, logo depois que se casou. Norberto é um homem fechado, amargurado, fumante exagerado e hipertenso. É desconfiado e muito ciumento. Em sua educação, foi orientado para se casar somente com uma mulher virgem. Disseram-lhe também que a única forma de se ter certeza da virgindade da mulher seria o sangramento vaginal na primeira relação sexual.

Vera, sua esposa, hoje também com cinquenta anos, é ligeiramente obesa, ansiosa, fumante, com tendências depressivas, e emite frequentes sinais de frustração sexual. Filha de família rígida e conservadora, casou-se virgem, aos dezoito anos de idade, com o primeiro namorado, Norberto, depois de longos quatro anos de namoro e noivado. Vera nunca havia tido qualquer experiência sexual antes do casamento. Casou-se como uma princesa, so-

nhava com a felicidade plena ao lado do jovem marido.

A esperada primeira noite, pela qual ambos estavam ansiosos, não teve o desfecho sonhado nos longos anos de namoro. Além de não descobrirem e manifestarem nenhum prazer na primeira relação sexual, não houve o sangramento conseqüente à primeira relação.

Vera percebeu no marido uma profunda decepção, logo transformada em irritação, desconfiança e

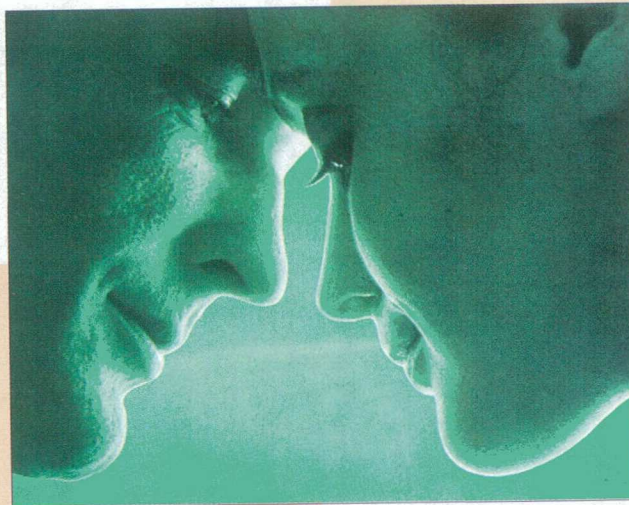


Foto: arquivo


agressividade, porém não soube identificar exatamente a causa de tal transformação. Por não terem qualquer intimidade, e não entrarem em detalhes sobre o seu relacionamento, ele imaginou toda sorte de loucuras, próprias do ciumento, e ela nunca entendeu por que a lua-de-mel o irritou tanto. Norberto não foi claro com a esposa, não falou sobre o que o transtornava.

A relação sexual foi frustrante. Ele atribuiu o desinteresse por novas relações sexuais aos excessos da festa de casamento e as preocupações com

o futuro, com a nova vida. Em sua cabeça, no entanto, uma frase martelava seus neurônios: "Comprei gato por lebre". Pressionado por suas crenças, Norberto não poderia admitir para si mesmo, para sua esposa, para sua família, para os amigos, que havia escolhido a mulher errada. Não poderia, de forma alguma, falar sobre isto com ninguém. Iria passar o resto de sua vida representando ser um homem feliz, um homem sem problemas. Na verdade, em um curto espaço

de tempo, passou a odiar aquela mulher que, há alguns momentos antes, era o seu grande amor

Foi assim que Norberto começou a beber, fumar, trabalhar demais, fazer de tudo para evitar o convívio com Vera. Socialmente, tratava a esposa de "meu amor", dizia maravilhas do casamento. Intimamente, estava corroído por seus diálogos internos.

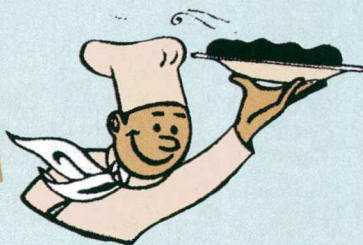
E Vera, a esposa? Decepcionada com sua primeira experiência sexual e com o marido, com quem havia elaborado os planos futuros, também entrou na amargura. Sabia que havia algo de errado, mas não tinha coragem de se abrir com o marido. Vera envelheceu antes do tempo, perdeu seu humor e o brilho dos olhos. Cumpria, direitinho, todas as funções de uma esposa. Não tinha mais desejos, apenas deveres. 

(Continua no próximo número)

Wimer Botura Jr. é médico psiquiatra, psicoterapeuta e autor do livro *A paternidade faz a diferença*, Ed. Gente.

ENTRADA**Ingredientes**

Buquês de couve-flor cozida
Folhas de alface
Ovos cozidos

**SALADA DE COUVE-FLOR****Modo de preparar**

Arrume em uma saladeira os buquês, tempere e guarneça com folhas de alface e ovos cortados em rodelas.

PRATO PRINCIPAL**CARNE ASSADA COM BACON****Ingredientes**

2 ovos cozidos
100gazeitonas verdes picadas
1 kg de patinho moído
1 pacote de sopa de cebola granulada
50 g de presunto
50 g de queijo prato
Bacon fatiado
1 ovo cru

Modo de preparar

1. Junte ao patinho moído a sopa granulada de cebola e o ovo cru.
2. Misture bem, estenda a massa obtida e recheie-a com o presunto, o queijo, os ovos cozidos picados e as azeitonas também picadas.
3. Feche a massa, cobrindo o recheio e formando um bolo (rocambole).
4. Unte uma assadeira e coloque nela o bolo de carne, cobrindo-o todo com bacon em fatias. Leve para assar.

SOBREMESA**COMPOTA DE PERAS****Ingredientes**

12 peras
1 garrafa de água
1 limão
6 xícaras de chá de açúcar
2 cálices de vinho branco

Modo de preparar

1. Descasque as peras, parta-as ao meio e deixe-as numa panela com a água, o caldo de limão e o açúcar, levando tudo a ferver em fogo brando até que as peras fiquem macias. Junte o vinho branco. Espere um pouco e retire as peras para uma compoteira.
2. Engrosse mais a calda (se quiser) e despeje-a sobre as peras. Servir depois de frias.



Dependência da bebida

**Como se inicia?
Quem pode virar um dependente?**

Sônia Mannelli

Em reuniões de terapia em grupo é comum ouvir depoimentos dos dependentes de álcool e de outras drogas, cocaína, tranquilizantes, etc., como os que seguem:

Um Rapaz comentava: "Tenho 19 anos. Minha infância foi normal. Meu pai era motorista e minha mãe trabalhava em casa. Quando adolescente, não freqüentava muito a rua, pois tinha começado a estudar e fazer o curso técnico. Lá conheci um colega de turma, e fiquei sabendo que ele fumava maconha. Ele me sugeriu experimentar e não larguei mais".

Uma jovem disse: "tenho 18 anos. Minha infância foi feliz. Minha mãe era quem punha ordem na casa. Meu pai, embora o considerasse uma pessoa fechada, sempre foi do tipo que satisfazia, na medida do possível, os desejos dos filhos. Arrumei um namorado que, uma ocasião, convidou-me para um passeio no litoral. Chegando lá, fiquei sabendo que ele usava droga, deu-me para experimentar. Aceitei e a maconha passou a fazer parte de nossos encontros".

Outro rapaz, alcoólatra, comentou: "Meus pais separaram-se quando tinha 4 anos de idade. A partir daí, a vida da família mudou, porque cresceram as dificuldades materiais (alimento,

casas). Minha mãe teve de cuidar, sozinha, de três filhos menores. Seguiram-se as crises econômicas e emocionais. Minha mãe passou a ser mais severa e dura conosco, sem nos dedicar mais tanto carinho. Passei, então, a sentir insegurança e solidão. Entrei em contato com as bebidas alcoólicas numa festa junina. Daí, para as amizades que usavam drogas e álcool, foi fácil e comecei a fazer parte das turmas de festas de fim de semana".

Uma senhora, de 42 anos, dependente de álcool, disse que se considerava ter tido uma infância saudável. Era feliz entre estudos e passeios na praia, com fins de semana junto aos pais e irmãos. Seu pai era alegre e respeitável. Ela dizia, "Minha mãe, era funcionária de um departamento de estado, trabalhava fora, mas não se descuidava do lar, ou de sua religiosidade. Não perdia as missas e sempre aconselhava o melhor para mim e para meus irmãos. Casei com um rapaz que, durante o namoro, enviava-me bilhetes dizendo 'eu te amo' e outras palavras de carinho, que trocávamos nos barzinhos, em especial, nos finais de semanas. Com o passar do tempo, fomos aumentando os aperitivos antes do jantar; depois, bebíamos enquanto preparáva-

mos alguma refeição e como relaxante antes de dormir" ...

Assim, poderia apresentar inúmeros outros depoimentos sobre pessoas que, pouco a pouco, foram-se envolvendo com drogas, até criarem a dependência química. Percebemos que o álcool ou outras drogas entram na vida das pessoas, inicialmente como um estímulo ou oferecidas por outras pessoas. Contudo, não são estas as causas da dependência.

A continuidade do uso das drogas pelo iniciante se dará, ou não, conforme tiver um organismo com fatores bioquímicos pré-dispostos, podendo ser hereditários e independente de idade, sexo, fator social ou econômico. Com o uso regular, as quantidades aumentam gradativamente. Inicialmente, estabelece-se a dependência psicológica e finalmente a física.

Muitos pais vivem atualmente uma mistura de medo e ansiedade de que seus filhos adolescentes venham a se tornar dependentes e não conseguem passar-lhes estes sentimentos. Quando o melhor para os jovens seria a orientação de se manterem alertas para as facilidades da bebida e afastarem-se das oportunidades de consumir outras drogas.

As circunstâncias de quem, como

e quando, entra no círculo vicioso da dependência são, de certa forma, secundárias, perante conseqüências físicas, mentais e emocionais a que fica exposto. Os usuários de drogas e os que abusam de bebidas alcoólicas estão sujeitos a sofrer maior número de acidentes ou promover danos a outros. Os riscos são incalculáveis, em especial, se houver combinação do uso de álcool com o de mais alguma outra droga, o que tem-se tornado bem comum ultimamente.

Quando uma pessoa fica dependente, tudo o mais é colocado à parte: família, trabalho, verdadeiros amigos, lar, bens e saúde. Percebe-se uma mudança de hábitos em relação a horários alimentação, higiene (desinteresse pelo asseio pessoal), desmazelo no vestir; denotando-se baixa auto-estima. Se dono de empresa, esquecerá eventos importantes, determinando a inabilidade de bem conduzir seus negócios. Quem antes, tinha projetos, observa-se agora uma pessoa preguiçosa e evasiva. Os jovens começam a perder aulas para ter mais tempo para beber (ou usar drogas).

Esses adictos encontram na bebida um reforço para aumentar sua auto-confiança ou auto-afirmação. Com o tempo, contudo, há uma mudança do

humor, tornam-se pessoas irritadiças e, por vezes, chegam a ser agressivas não só em palavras, como até fisicamente. Esquecem-se dos bons princípios e chegam a fazer, primeiro, pequenos furtos dentro de casa, podendo, pela pressão, no contexto de seu envolvimento com a droga, chegar até a furtar fora de casa, o que leva o indivíduo a problemas legais.

Com o beber abusivo, a reputação fica abalada. O sentimento de culpa e vergonha seguem-se a cada situação constrangedora. Entre os danos emocionais, destacam-se o isolamento (afasta-se das boas amizades) e os estados de depressão, que passam a ser mais freqüentes. Começa a beber ou usar drogas sozinho.

Estudos recentes demonstram

A continuidade do uso das drogas pelo iniciante se dará, ou não, conforme tiver um organismo com fatores bioquímicos pré-dispostos, podendo ser hereditários.

que de 10% a 50% das pessoas que experimentam cocaína, ficam dependentes. Usuários de craque dizem que ficaram dependentes na primeira vez que a experimentaram. Os danos físicos seguem-se juntamente com o aumento do consumo do álcool ou outras drogas.

Conseqüências físicas:


ÁLCOOL: leva à falência dos órgãos mais debéis do organismo (fígado, pâncreas, coração, etc.).

MACONHA: causa confusão mental e problemas respiratórios.

COCAÍNA: produz problemas cardíacos e problemas respiratórios, se for aspirada.

CRAQUE: eleva a pressão arterial (causando até infarto) e provoca lesão das vias respiratórias.

TRANQUILIZANTES: a ansiedade pode levar à necessidade de aumentar a dose para se ter o mesmo efeito e, daí, advém o prejuízo da área cerebral e do fígado. Para muitos, o abuso (ou uso não controlado) de barbitúricos pode causar confusão e perda de memória.

Um alerta: tanto o álcool como demais drogas causam impotência sexual e todas as drogas levam a perda progressiva dos neurônios; isto é, podem levar à loucura permanente. O abuso de bebidas alcoólicas e de outras drogas pode causar convulsões, ou até a morte. O auxílio médico/hospitalar freqüentemente é requerido nos estados de intoxicação; após o que, deve-se dar continuidade ao tratamento destes dependentes químicos com ajuda de outros profissionais (terapeutas, conselheiros) especializados ou associações específicas de ajuda mútua. 

(Continua no próximo número)

Sônia Mannelli é terapeuta, trabalha na área de dependência química. Tel.: (0__11) 5528-1845.



Fotos: arquivo

Oração antes de uma batalha,

SALMO 19 (HEBRAICO 20)



- 1 Ao mestre de canto. Salmo. De Davi.
- 2 O Senhor te ouça neste dia de perigo,
o Nome do Deus de Jacó te proteja.
- 3 Do Santuário ele te envie socorro
e do alto de Sião te defenda.
- 4 Que ele considere todas as tuas oferendas
e se digne aceitar os teus holocaustos.
- 5 Conceda o que o teu coração deseja
e realize todas as tuas aspirações.
- 6 Possamos nós festejar tua vitória
e ao Nome do nosso Deus hastear nossa bandeira.

- Sim, que o Senhor realize todos os teus pedidos.

- 7 Desde já, estou certo de que o Senhor dará a vitória ao seu eleito.
Do seu Santuário o atenderá. Sua destra fará prodígios!
- 8 Carros de guerra para uns, cavalaria para outros,
nós contamos com o Nome do Senhor nosso Deus!
- 9 Eles fraquejaram e sucumbiram.
Nós aqui estamos, firmes, de pé.
- 10 Senhor, assegurai a vitória ao rei
Atendei-nos, neste dia que vos invocamos.

CONSIDERAÇÕES

Oração antes de uma batalha. Dá impressão de que levitas (clérigos) rezam, enquanto os sacerdotes oferecem o sacrifício para bom êxito da empreitada.

Primeiramente, *votos de bom sucesso* ao rei (e seu exército). Em seguida, expressões de total *confiança na vitória*, por intervenção divina. Petições na primeira parte, certezas na segunda. Às orações, Deus responde desde o céu. A oferendas e holocaustos, responde desde o Templo. Como santuário nacional, o Templo representava o centro da vida religiosa, política e militar.

Imagine um rei, um governante ou

general, no momento de partir com seu pelotão para uma guerra de vida ou morte. Cidade assediada, talvez. Bandeirolas, estandartes, emblemas, tudo pronto. No momento da partida, alguém do povo ou toda a multidão expressa calorosos votos e augúrios pelo bom êxito da arriscada empresa. Que tal, porém, aplicar esses votos a nosso Senhor *Jesus Cristo*, nosso Rei, nosso herói, nosso combatente, à frente da batalha declarada e enfrentada decisivamente pela reconquista (isto quer dizer a palavra *Redenção*) e salvação de nossas almas?

Pe. Bernardino, piedoso comen-

tarista, desenvolve a seguinte meditação:

O dia da provação de Jesus, o dia da angústia, em certo modo não findou no calvário. Continuará até o fim dos tempos, até ao perfeito acabamento da obra de redenção, pela luta constante que ele sustenta no seu corpo místico – em cada um de nós individualmente ou na Igreja em geral.

Essa luta não se trava com carros, cavalos, violência e quaisquer outros meios naturais, mas, sim, no Nome do nosso Deus, no seu poder, na sua providência paternal, na sua absoluta fidelidade, que jamais abandonará a sua Igreja e a cada um dos *guerreiros de Deus*, que somos nós. É uma questão de orar e sofrer, certos como estamos de que Deus salva o seu *ungido*.

Lutar pelo Nome de Deus é muito mais do que lutar sob a proteção divina. Lutar pelo Nome de Deus é sair em defesa dos interesses lesados de Deus, dispor-se a vingar injúria feita a Deus, cumprir encargo específico de Deus... Como na guerra contra os madianitas: *Pelo Senhor e Por Gedeão!* (Juizes 7,18.20). É cada cristão ser conseqüente com a *unção-consagração* recebida no dia da crisma. Ser ativo e não mero expectador na religião.

O Nome de Deus figura 100 vezes no Saltério. Grande parte das vezes, o *Nome de Deus* equivale à própria pessoa, especialmente sob o aspecto de onipotência divina. Deus pode infinitamente mais que todos os recursos hu-



de uma luta, de um perigo

manos juntos. “Deus é mais”. Veja alguns exemplos de como esta idéia é cara aos profetas: 1º. de Samuel 17,45; Provérbios 21,31; Isaías 31,1; Miquéias 5,9-10; Zacarias 9,10 e 10,5.

Jesus realiza essa peleja especialmente por meio dos seus sacerdotes, esses *ungidos do Senhor*, esses outros cristos, por cujas mãos Jesus continua oferecendo-se em sacrifício ao Pai.

Ao recitar este salmo, cada cristão se considere um pouco rei, efetivamente responsável pelo bom sucesso da batalha contra o Maligno, e peça que Jesus Cristo realize todos os projetos de salvação a nosso respeito, obtendo completa vitória. Peçamos em especial pelos *sacerdotes*, para que, santificando-se mais, tornem mais agradável a Deus o divino holocausto (ver quadro ao lado) e mais certos os golpes no combate por Jesus. Podemos também trans-

de partida para suas intervenções na conturbada história do povo eleito. Ali ofereciam sacrifícios para obterem a vitória. Tal como hoje em dia, as santas Missas para se obter graças especiais de Deus. Tal como os times de futebol, que vão rezar nalgum santuário, para ganharem o campeonato... Mais tarde, o rei começa a representar Deus para o povo. Por isto, ele era consagrado, *ungido* (*ungido*, tradução do grego *cristós*, como *cristós* é tradução do hebraico *messiah*)! Portanto, vitória do rei - vitória de Deus!

HOLOCAUSTO vem de duas palavras gregas: **cáo** [ou **cáio**] que significa *caumar*>*caimar*>*queimar* [daí, **cáustico** = que queima], e **hólos** = inteiro, todo, universal. O holocausto é a oferta mais agradável a Deus, porque consiste em oferecer a vítima inteira, completa.

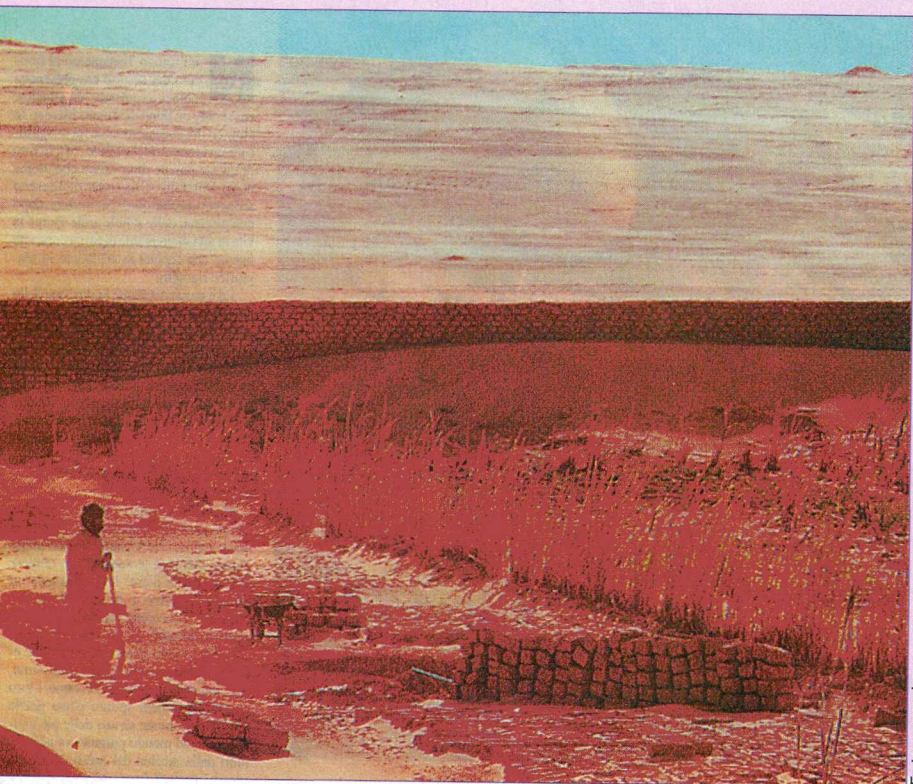


Foto: arquivo

formar este salmo em sinceros votos e oportuna prece pelo Sumo Pontífice, o atual Papa João Paulo II, o unguido de Deus por excelência, o “doce Cristo na terra” – como o chamava Santa Catarina de Sena.

Para os povos primitivos – e alguns ainda pensam assim —, Deus tomava parte nos combates. Era guerra santa. O Templo era a residência terrestre de Deus e ponto

Deus. “Pai nosso, venha o vosso reino. Livrai-nos dos males. Dai-nos a paz. Ajudados pela vossa misericórdia, sejamos sempre livres do pecado e protegidos de todos os perigos, enquanto, vivendo a esperança, aguardamos a Vinda do Cristo Salvador.” (*Liturgia da Missa*).



Pe. José Fonzar é missionário claretiano - correio eletrônico: fonfon@sercomtel.com.br

QUARESMA É TEMPO DE FRATERNIDADE

1.º domingo da Quaresma
4 de março de 2001

INTRODUÇÃO

“Junto à mesa do Senhor não há divisões. Mas, quando termina a assembleia, um critica o outro; esse injuria o irmão, aquele se enche de inveja ou de cobiça, aquele outro se entrega à violência; outro ainda à sensualidade... Que fraternidade é essa?” — perguntava São João Crisóstomo.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Dt 26,4-10

Os israelitas festejavam, a cada ano, os primeiros frutos da terra, que ofereciam ao Senhor, por tê-los libertado da escravidão em terra estrangeira. Nós, também, festejaremos, na Páscoa, a libertação da escravidão do pecado. É a páscoa de Jesus, que passará a fazer parte de nossa vida, se aceitarmos nos libertar de nossas prisões e passarmos a pertencer à multidão dos remidos.

Ora, se considerarmos o tesouro recebido da cruz do Senhor, reconheceremos que, para celebrar o dia da Páscoa, é justo nos prepararmos, durante quarenta dias, para a grande solenidade.

Os frutos oferecidos pelos judeus no Templo não eram queimados no altar. Eram consumidos pelos representantes de Deus: os pobres. A festa só podia ser considerada bem-sucedida e agradável ao Senhor, depois que todos estes tivessem ficado saciados.

Não são suficientes a profissão de fé, nem uma religião constituída de ritos externos, de belos cânticos, de pa-

lavras bonitas. É preciso que haja, antes, fraternidade. Não distante e descompromissada, mas perto de nós, em nossa casa, com o marido, com a mulher, com os filhos, com os empregados, enfim com o Cristo concreto!

2.ª leitura Rm 10,8-13

Paulo reafirma o que acabamos de meditar. A causa de nossa salvação é o acontecimento pascal realizado em Cristo.

Agora, somos chamados a anunciar a todos os homens o sinal mais sublime da benevolência de Deus, a maior obra de salvação cumprida por ele: a ressurreição de Jesus.

Devemos fazê-lo, também, com o coração, ou seja com a nossa vida.

O destaque é para a eliminação das barreiras que criamos em nossas mentes e nos impedem de falar com os que estão próximos de nós. Sim, porque não adianta nada fazermos propósitos “idealísticos” de amar as pessoas de outras etnias, de outras culturas, credos e cores, se antes, não derrubarmos os muros que nos separam da esposa ou do esposo, dos filhos, enfim, do próximo mais próximo de nós, seja lá quem for!

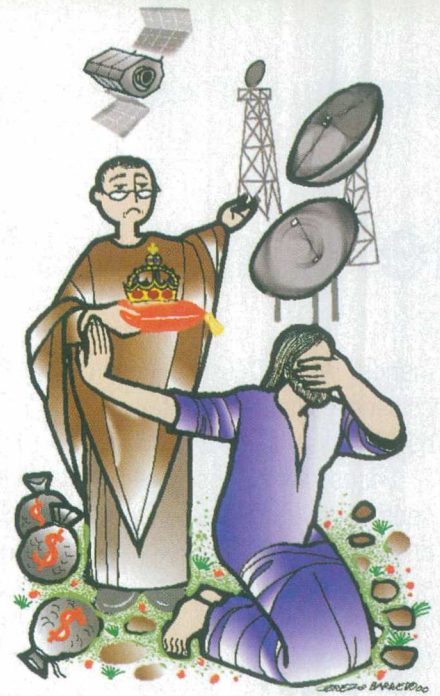
A estes, devemos anunciar a nova vida, sem mágoas, na alegria, e confiando, de novo, nos que erraram, mas que estão arrependidos, porque o Senhor de todos é rico doador de dons.

Evangelho Lc 4,1-13

Cristo confirma a necessidade de vencermos preconceitos, ao mostrar que a libertação deve ser, antes de tudo, interior, na vitória sobre as tentações.

Devemos superar o egoísmo, a busca ansiosa dos bens materiais, a sede de posse e de domínio sobre os outros, a ilusão do sucesso imediato.

A pior das tentações, porém, é quando se insinua na nossa mente a



dúvida de que o Senhor não se manterá fiel às suas promessas, que falte com sua palavra, que nos garanta proteção para, em seguida, abandonar quem depositou nele a sua confiança.

Por exemplo, se algum membro da família está com câncer e os médicos informam que não há qualquer saída, o que fazemos então? Pedimos a Deus um milagre! Mas a doença segue seu curso normal e o doente morre. É nessa hora que surgem as queixas: “Onde está Deus? Será que ele existe mesmo? Vale a pena continuar acreditando, se ele nunca intervém nessas horas?”

Deus nunca nos prometeu isentarnos das angústias e das tribulações. Não é possível pensar que Deus tenha em relação a nós atitudes diferentes das que teve com seu Filho unigênito.

Por isso, reflitamos que Deus prometeu, sim, dar-nos forças para que não acabemos derrotados pelas provações da vida.

REFLEXÃO

Existem “muros” de separação em nossa famílias, em nossas comunidades? Estamos dispostos a eliminar barreiras, não só durante o culto, mas também fora dele? Respeitamos as diferenças de quem pensa, reza e canta de modo diverso do nosso? ■

DAR A VIDA POR AMOR

2.º domingo da Quaresma

11 de março de 2001

INTRODUÇÃO

Dar a vida por amor é difícil de aceitar. A tentativa de Jesus, de fazer com que seus discípulos acolhessem esse projeto do Pai, terminou em fracasso. Só depois da sua morte, começaram a entender que só pelo caminho da cruz seria possível conquistar a Vida.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Gn 15,5-12.17-18

O que significa: “Abraão acreditou em Deus”? Por acaso, queria dizer apenas que Abraão cria na existência de Deus? Claro que não.

Quando uma mulher declara: “acredito no meu marido” não quer dizer simplesmente que tem certeza de sua existência. Mas, sim, que lhe é fiel no seu amor, embora as aparências às vezes levem-na a pensar diferente.

Após aquela manifestação heróica de Abraão, de confiar nas promessas divinas, não obstante tudo parecer o contrário, Deus fez uma aliança com ele. Note-se que em seu sonho, Abraão vê somente Deus confirmar a aliança, passando em forma de fogo entre as duas partes de animais, e ele não. Deus não pede nada em troca.

Mas, então, fazer o bem ou o mal é a mesma coisa? Absolutamente não! Quem não segue os caminhos indicados por Deus, condena-se a si próprio. Entretanto, embora pequemos, o Senhor não rompe a sua amizade: permanece fiel. Caminha ao nosso lado. Sempre encontra uma maneira de nos conduzir para a salvação. Basta que convertamos para ele nosso coração.

2.ª leitura Fl 3,17—4,1

Acreditar em Deus, para alguns cristãos da comunidade da cidade de Filipos, era aceitar que ele existia. E só.

Reduziam a fé a algumas práticas tradicionais: circuncisão, abstenção de alguns alimentos e jejuns. Tudo exterioridades. A estes, Paulo chama de “inimigos da cruz de Cristo”, porque só tinham prazer no que é terreno.

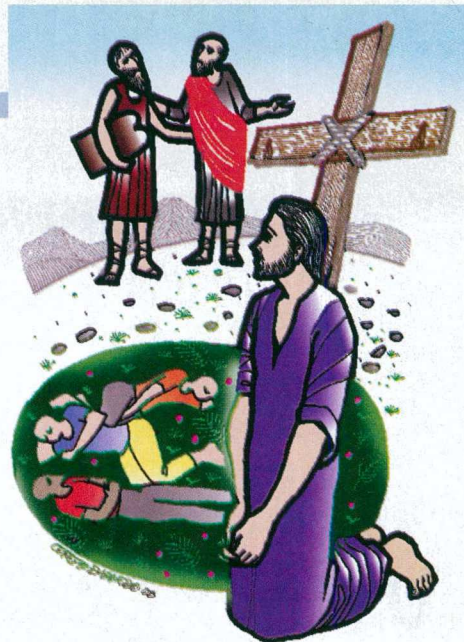
O que devemos fazer para sermos “amigos da cruz de Cristo”? Por acaso, deveremos sofrer, fazer obras de penitência, sacrifícios, renunciando a tudo o que é agradável? Não. Mas nem tudo o que se apresenta como vida o é de fato. Nossas atitudes voltadas exclusivamente para o prazer, a qualquer custo, aos divertimentos, às imoralidades, à embriaguez, às drogas, parecem vida, mas, em verdade, são sua destruição e morte.

Os amigos da cruz de Cristo renunciam a essa forma de vida egoísta, porque sabem que, embora peregrinos, como Abraão, já inauguram a vida nova.

Evangelho Lc 9,28b-36

Jesus subiu à montanha para orar. Em toda a sua vida ele dedicava muito tempo à oração. Por quê? Para buscar luz sobre a vontade de Deus a seu respeito. Jesus, não conhecia, como homem, desde o início, como terminaria a sua vida. Ignorava o caminho pelo qual o Pai o estava conduzindo. Foi descobrindo, a vontade de Deus, aos poucos, por meio das iluminações que recebia, sobretudo durante a oração.

Jesus se perguntava sobre o caminho que o Pai queria que ele percorresse. Por isso, retirava-se para lugares silenciosos para rezar. Na oração, Jesus tomou consciência, com clareza, de que fora escolhido para salvar os homens com derrota e não pela vitória! Na transfiguração, a luz no rosto de Jesus indicou sua serenidade, após



a oração. Tinha compreendido o projeto de seu Pai e o tinha aceitado. Havia entendido que o seu sacrifício, embora parecendo um fiasco aos olhares de seus inimigos, desabrocharia na glória da ressurreição. Ele acreditava no Pai, como Abraão o fizera.

Moisés e Elias falavam da sua passagem deste mundo ao Pai. Foi ali que Jesus descobriu que estava destinado para a glória. Entendeu, porém, que, antes, deveria sofrer muito, ser humilhado e rejeitado, como profetizara, muitos séculos antes, sobre ele, o profeta Isaías, ao falar dos sofrimentos do Servo do Senhor.

E os três discípulos: Pedro, Tiago e João? Quando Jesus realizava milagres e as multidões o aplaudiam, estavam muito bem despertos. Mas, agora, quando ouviam falar da doação da própria vida, da morte na cruz, eles não queriam entender. Dormiam, desinteressados. Assim iriam proceder, também, no Jardim das Oliveiras. Só depois da morte do Mestre assumiriam em suas vidas, com seu martírio, que o caminho para a vida, passa sempre, antes, pela cruz.

REFLEXÃO

Rezamos, todos os dias, para conhecer e aceitar o que Deus quer de nós? Estamos dispostos a tomar a cruz dos deveres, cotidianamente? ■

JESUS RESPONDE À VIOLÊNCIA

3.º domingo da Quaresma

18 de março de 2001

INTRODUÇÃO

Usar violência contra a violência é a pior das ilusões! O uso da força não produz nada de bom. Não resolve os problemas. Só serve para criar outros, novos e mais graves.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Ex 3,1-8a.13-15

Moisés alimentava no coração um amor muito grande pelos oprimidos e uma vontade irresistível de ajudar qualquer pessoa vítima de injustiças. Mas o método que tinha empregado para fazer isso, tinha-se manifestado desastroso. É que para ele violência se resolvia com violência.

Deus interveio em sua vida e lhe mostrou outro caminho. Aos poucos, foi-lhe revelando formas diferentes de pensar. Primeiro, disse-lhe seu nome. *Aquele que é*. Mas, no sentido dinâmico: *Aquele que faz ser*. Prometeu-lhe, em seguida, libertar seu povo, oprimido em terra estranha. Ora, um povo libertado é um povo em conversão. Uma conversão contínua. Deus não mudou de nome. Mantém-se, hoje, sensível aos gritos dos que sofrem. Continua sendo o "libertador". E nós? Aceitamos mudar nosso coração em relação à violência, junto aos nossos?

2.ª leitura 1Cor 10,1-6.10-12

A vida do povo no deserto, no tempo de Moisés, admoesta Paulo, foi escrita para nossa correção. A palavra de Deus quer, portanto, provocar-nos à conversão.

A urgência desse apelo assume em Cristo uma tonalidade particular: ele é a misericórdia do Pai; é mais uma ocasião oferecida ao homem para fazer penitência. Portanto, Deus não fica "tranquilo" no paraíso, ocupado em manter sob controle a contabilidade dos pecados, sem querer ser incomodado, não se importando com o que acontece na terra (!).

O Deus que se revela a Israel é um Deus que participa com paixão dos problemas do seu povo, que não tolera a opressão sobre os fracos, que intervém para libertar. Mas, para a salvação, não basta a ação de Deus; é indispensável a colaboração humana. Se as lágrimas e os gemidos dos irmãos nos deixam insensíveis, se o clamor dos oprimidos não nos impele a fazer alguma coisa em favor deles, podemos afirmar-nos filhos daquele que se revelou como o Libertador? Mas, como agir?

Evangelho Lc 13,1-9

Os judeus celebravam a libertação do Egito. Houve um princípio de tumulto. Pilatos ordenou o massacre. Pior: dentro do Templo. Os fariseus apressaram-se, logo, a dar uma justificativa para o acontecido: Se aqueles galileus tinham sido abatidos pela espada, era sinal de que estavam carregados de pecados. Mas, como aceitar tal explicação? Afinal, não tinham sido os soldados quem os tinham matado por ordens de Pilatos?!

Os fariseus vislumbraram naquele incidente oportunidade de pôr Jesus em dificuldade. Logo pensaram em envolvê-lo numa revolta armada, ou, no mínimo, conseguir dele uma declaração severa contra Pilatos.

Serenamente, porém, Jesus, acrescenta mais um caso, acontecido recentemente, e revela que os episódios devem ser considerados como apelos para a conversão.

A resposta do Mestre parece fugir



ao problema. Mas não é assim.

Quer indicar que imprecações e maldições não levam a nada, e até são contraproducentes.

Primeiro, nega que haja uma relação direta entre as culpas e as desgraças que acontecem, conforme o povo pensava. Recusa os paliativos e convida todos a se preocuparem com as raízes do mal. É pura ilusão pensar que alguma coisa pode mudar simplesmente substituindo os detentores do poder. Se os novos ocupantes do poder não tiverem um coração novo, se não se orientarem por uma nova forma de pensar, tudo continuará como antes.

Esta é a razão pela qual Jesus não concorda com a explosão coletiva de indignação contra Pilatos. Convida todos para a conversão, propõe uma mudança de mentalidade. Quando devemos executar esta mudança? Jesus responde com a parábola da figueira. Deus não quer práticas religiosas externas, não se satisfaz com aparências, procura obras de amor.

REFLEXÃO

Somos sensíveis aos sofrimentos dos oprimidos? Como reagimos? Com gestos impulsivos, como Moisés, que apelou para a violência? Nossas soluções são compatíveis com os ensinamentos de Jesus? ■

DEUS NOS AMA E NOS SALVA

4.º domingo da Quaresma

25 de março de 2001

INTRODUÇÃO

Deus responde à violência com o amor. Jesus veio ao mundo, não para condená-lo, mas para salvá-lo. Por isso, declara buscar não os que se crêem justos, mas os pecadores que se arrependem de seus erros.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Js 5,9a.10-12

Os israelitas, depois de muito peregrinarem pelo deserto, encontraram-se diante da Terra Prometida. Mas não tinham chegado lá sozinhos, não tinham saído dos perigos por suas próprias forças, tinham sido conduzidos por Deus.

A cada família seria destinado um pedaço de terra para dele viver. Agradecido, o povo decide celebrar novamente a festa da Páscoa, como tinham feito seus pais, na noite da saída do Egito. Como os israelitas, também nós fomos tirados da terra de escravidão, isto é, da condição de miséria e de pecado em que nos encontrávamos antes do batismo.

Naquela peregrinação, os hebreus eram sustentados pela maná, que agora desaparece, porque já tinham chegado à terra. A eucaristia também é nosso alimento de povo em caminho, que desaparecerá no dia em que contemplarmos o Senhor.

2.ª leitura 2Cor 5,17-21

No Novo Testamento, amplia-se a revelação de Deus sobre sua misericórdia. *Passaram-se as coisas antigas; eis que se fez uma*

realidade nova, escreve São Paulo.

Jesus deu início a uma nova e singular história de perdão. Deus perdoa o homem com a encarnação do Filho. Tornou Cristo solidário com o gênero humano pecador, a fim de tornar os homens solidários com a sua obediência e a sua justiça. Dizer que *Deus o fez pecador por causa de nós* deve ser entendido no sentido de o Pai ter feito Jesus vítima pelo pecado.

No começo da vida pública, João Batista, produto da mentalidade antiga, anunciava a vinda de Jesus, convidando à conversão em previsão do severo juízo que estava, segundo ele, para cair sobre a humanidade. Mas, quando Jesus chegou, declarou não ter vindo para os que se julgavam justos, mas para os pecadores que se arrependessem.

Evangelho Lc 15,1-3.11-32

A disposição de Deus de ser misericordioso conosco é exemplificado, de maneira belíssima, pela parábola do filho pródigo. Por isso, tradicionalmente esta parábola é apresentada durante as celebrações de penitência para comover os pecadores obstinados. Mas Jesus contou essa história, dirigindo-se aos fariseus e aos escribas, — representados na figura do irmão mais velho —, que murmuravam contra ele, porque recebia os pecadores e comia com eles.

Os escribas e fariseus eram os que cumpriam fielmente todos os mandamentos e os preceitos da lei. Tinham certeza de que tinham adquirido méritos diante de Deus, sentiam-se no direito de desprezar os irmãos por isso, não queriam sentar-se à mesa com os que tinham errado.

Pois bem, aqueles “justos” corriam o risco, segundo o ensinamento de Jesus, de serem excluídos da festa. Era para esses e não para os pecadores, que essa parábola se dirigia.

A expectativa daqueles “justos” era



de que na hora da prestação de contas, Deus se transformaria num juiz justo. Tal mudança de sentimentos nos deixaria perplexos. Aqui na terra, Jesus aceita os convites dos publicanos e pecadores, frequenta suas casas, participa das suas festas, toma suas refeições com eles e mais tarde, no céu, nega-lhes um lugar no seu banquete e os afasta de si. Tal comportamento não só é difícil de ser aceito, mas também de ser entendido.

Não basta ter permanecido sempre na casa do Pai para participar do banquete; é preciso perdoar.

Nós, ao contrário, expulsamos de casa a filha que se comportou mal, guardamos rancor contra o filho que se casou contra nossa vontade, alimentamos nossa aversão pelo esposo que gasta no bar o que ganha!

A Igreja não é a comunidade dos que não erram, mas dos pecadores que querem voltar ao Pai, sem pretensões; somos a comunidade dos que compreendem o outro e, se este cai, ajudam-no a retomar o caminho juntos.

REFLEXÃO

Em que aspecto, como e por que somos semelhantes a um dos dois filhos da parábola do evangelho? Em tudo isso, o que podemos mudar durante esta Quaresma? ■

Leituras litúrgicas das Missas - março



SEMANA DEPOIS DAS CINZAS

1.ª - quinta: Dt 30,15-20 = Ama ao Senhor, teu Deus e obedece-lhe. Sl 1. Lc 9,22-25 = Quem me quiser seguir, tome cada dia a sua cruz.

2 - sexta: Is 58,1-9a = O verdadeiro jejum. Sl 50. Mt 9,14-15 = Quando se for o esposo, eles jejuarão.

3 - sábado: Is 58,9b-14 = Se fizeres o bem, encontrarás a felicidade no Senhor. Sl 85. Lc 5,27-32 = Vim chamar à conversão os pecadores



1.ª SEMANA DA QUARESMA

5 - segunda: Lv 19,1-2.11-18 = Amarás o próximo como a ti mesmo. Sl 18. Mt 25,31-46 = Obras de caridade, no juízo final.

6 - terça: Is 55,10-11 = A palavra de Deus não volta sem efeito. Sl 33. Mt 6,7-15 = Como orar.

7 - quarta: Jn 3,1-10 = Nínive se penitencia e se converte. Sl 50. Lc 11,29-32 = O "sinal" de Jonas.

8 - quinta: Est 14,1.3-5.12-14 = Oração da rainha Ester. Sl 137. Mt 7,7-12 = Quem pede, recebe..

9 - sexta: Ez 18,21-28 = Desejo a vida do pecador. Sl 129. Mt 5,20-26 = Reconciliação antes da oferta a Deus.

10 - sábado: Dt 26,16-19 = Povo consagrado a Deus, exclusivamente. Sl 118. Mt 5,43-48 = Sede perfeitos como o vosso Pai celeste.



2.ª SEMANA DA QUARESMA

12 - segunda: Dn 9,4b-10 = Oração de Daniel: Pecamos, Senhor! Sl 78. Lc 6,36-38 = Perdoai, e sereis perdoados.

13 - terça: Is 1,10.16-20 = Sede dóceis e obedientes. Sl 49. Mt 23,1-12 = Um só é o vosso Pai e Mestre.

14 - quarta: Jr 18,18-20 = Conspiração contra o profeta. Sl 30. Mt 20,17-28 = Podeis beber o meu cálice?

15 - quinta: Jr 17,5-10 = Escutai a palavra do Senhor. Sl 1. Lc 16,19-31 = O rico e o pobre Lázaro.

16 - sexta: Gn 37,3-4.12-13a.17b.28 = José vendido por seus irmãos. Sl 104. Mt 21,33-43.45-46 = Parábola dos lavradores homicidas.

17 - sábado: = Mq 7,14-15.18-20 = Jogai os nossos pecados nas profundezas do mar! Sl 102. Lc 15,1-3.11-32 = Parábola do filho pródigo.



3.ª SEMANA DA QUARESMA

19 - segunda: São José. 2Sm 7,4-5a.12-14a.16 = O Senhor lhe dará o trono de Davi, seu pai. Sl 88. Rm 4,13.16-18.22 = Abraão acreditou, esperando contra toda esperança. Mt 1,16.18-21.24a = José fez como lhe ordenara o anjo.

20 - terça: Dn 3,25.34-43 = Malgrado os nossos pecados, perdoai-nos, Senhor. Sl 24. Mt 18,21-35 = Perdoar sem limite.

21 - quarta: Dt 4,1.5-9 = Observai a minha Lei e não a olvideis. Sl 147. Mt 5,17-19 = Não vim abolir, e sim completar a Lei e os profetas.

22 - quinta: Jr 7,23-28 = Não escutam a voz nem aceitam as advertências de Deus. Sl 94. Lc 11,14-23 = É pelo diabo que ele expulsa demônios.

23 - sexta: Os 14,2-10 = Apelo à conversão: volta ao Senhor, teu Deus. Sl 80. Mc 12,28b-34 = Os dois maiores mandamentos.

24 - sábado: Os 6,1-6 = Eu quero o amor, mais que os sacrifícios. Sl 50. Lc 18,9-14 = Parábola do fariseu e do publicano.



4.ª SEMANA DA QUARESMA

26 - segunda: Anunciação do Senhor. Is 7,10-14;8,10 = Eis que a Virgem conceberá. Sl 39. Hb 10,4-10 = Eis-me aqui para fazer, ó Deus, a tua vontade. Lc 1,26-38 = Eis que conceberás e darás à luz um filho.

27 - terça: Ez 47,1-9.12 = Poder da fonte maravilhosa que jorra do templo. Sl 45. Jo 5,1-16 = Jesus cura um paralítico sem ajuda de água.

28 - quarta: Is 49,8-15 = Deus consola o seu povo na aflição. Sl 144. Jo 5,17-30 = Como o Pai, também o Filho tem poder de dar a vida.

29 - quinta: Ex 32,7-14 = Moisés aplaca o Senhor. Sl 105. Jo 5,31-47 = Tudo o que faço prova que sou enviado pelo Pai.

30 - sexta: Sb 2,1a.12-22 = Prendamos e condenemos o justo a uma morte infame. Sl 33. Jo 7,1-2.10.25-30 = Algumas pessoas de Jerusalém diziam: "Não é este aquele a quem procuram tirar a vida?"

31 - sábado: Jr 11,18-20 = Manso cordeiro conduzido à matança, eu ignorava as maquinações. Sl 7. Jo 7,40-53 = Os chefes tramam contra Jesus: "Da Galiléia não sai profeta algum".

A Fraternidade e as Drogas

**Vida sim,
drogas não!**



Nesta Campanha da Fraternidade podemos aprender a usar a Bíblia dentro de um tema específico. O tema é a DROGA e

não é encontrado na Bíblia. Então procuramos no dicionário de Português: droga — produto de origem animal ou vegetal usado em farmácia, tinturaria,... — Coisa en-

fadonha, de pouco valor, que malogra, frustra, desacredita. — Substância entorpecente, alucinógena, excitante, que altera a personalidade, que intoxica. — Tóxica: do latim "toxicem" = veneno — do grego "toxikon" = veneno que convém à flecha.

Dentro do nosso assunto, ache as citações pedidas abaixo, na Bíblia Ave-Maria. Lembrar que cada versículo está dentro de um contexto que, lido na totalidade, ajuda a compreender o sentido.

Cicuta, usada para matar os condenados à morte.

- _____ — Dt 29,18 —
- _____ — Amós 5,7 —
- _____ — Só no caso que tomado em excesso produza embriaguez e escândalo.
- _____ — Gn 9,20-21 —
- _____ — Mt 24,49 —
- _____ — Rm 13,13 —
- _____ — Ef 5,18 —

O _____ era bebida comum no Oriente Médio e Jesus não louva nem reprova seu uso. Mas sabemos que _____ é igual à veneno e veneno é igual à morte.

- _____ — Dt 32,29 —
- _____ — 33 —
- _____ — Am 6,12 —

Se veneno é Morte, então o que é _____?

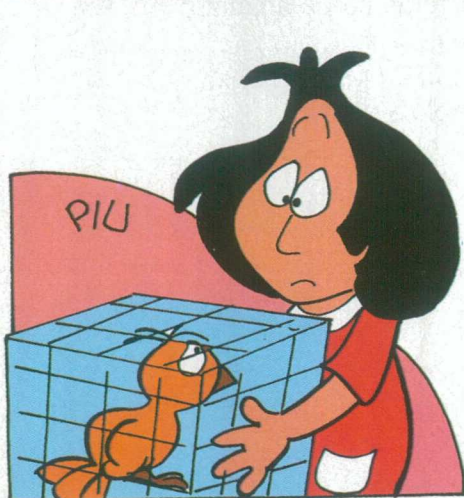
No Antigo Testamento não há distinção entre _____ igual à vitalidade ou _____ igual à vivência. Não concebiam o homem vivo como espírito encarnado mas como corpo animado.

- _____ — Gn 7, 22 —
- _____ — Ex 21,12 —

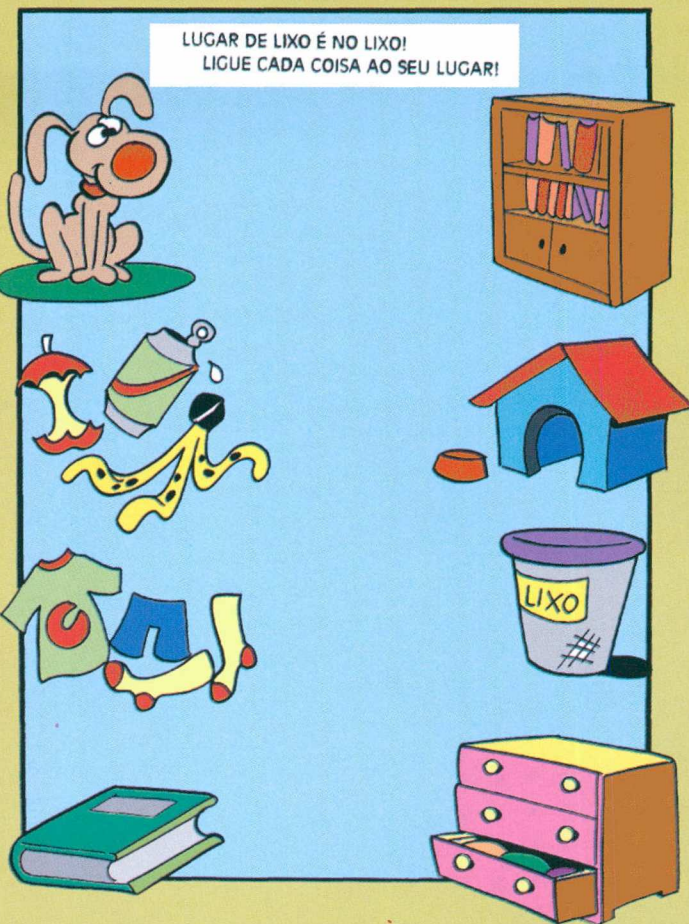
É Jesus no Novo Testamento que dá um sentido infinitamente mais amplo à palavra _____

- _____ — Mt 4,4 —
- _____ — Mt 9,18.25 —
- _____ — Lc 10,28 —
- _____ — Lc 20,38 —
- _____ — Jo 5,25 —
- _____ — Jo 10,10b —
- _____ — Jo 10,11 —
- _____ — Jo 14,6 —

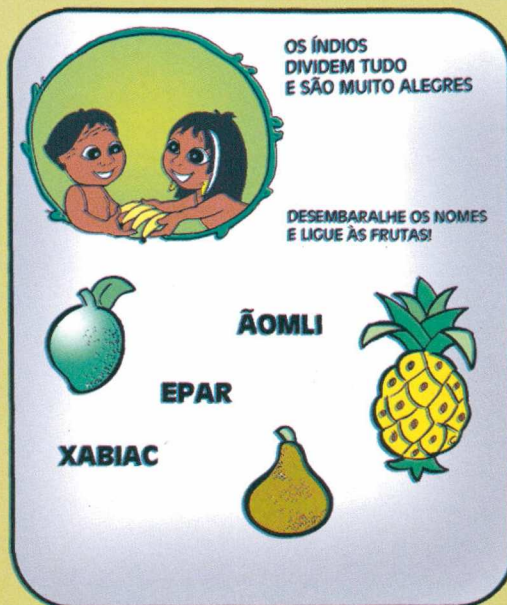
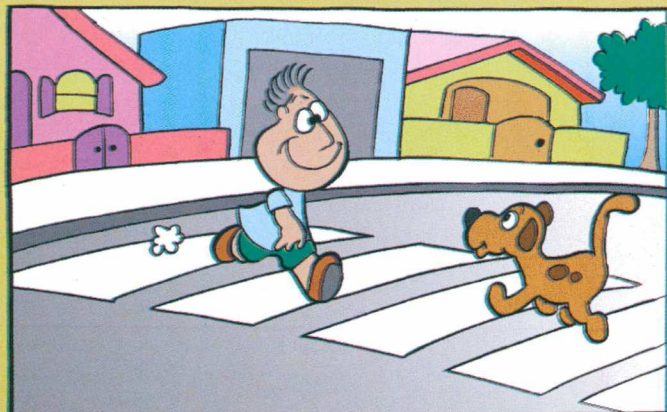
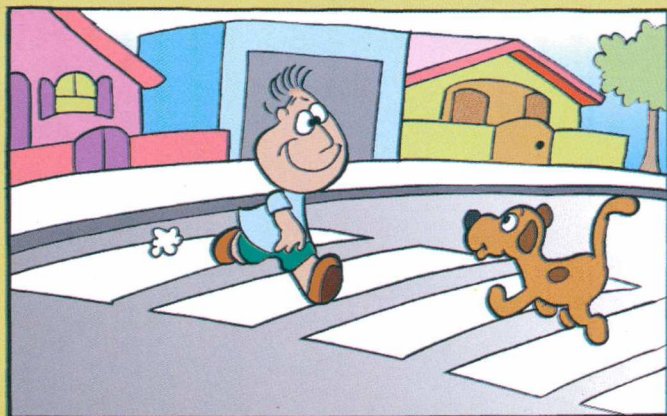




BRINCANDO DE ECOLOGIA



VAMOS ATRAVESSAR SEMPRE NA FAIXA DE SEGURANÇA!
ENCONTRE SETE ERROS ENTRE AS CENAS!



ESCREVA PRA TURMA!

RUA ANIBAL DE ALMEIDA PESSOA, 83
ALDEIA DE BARUERI - BARUERI - SP
CEP 06440-250

revista AVE MARIA

**PRIMEIRA REVISTA CATÓLICA
MARIANA DO BRASIL**

A revista **AVE MARIA** foi criada para ser uma homenagem a Nossa Senhora. Por isso, durante um século ela manteve — e continuará mantendo — um compromisso com o evangelho de anunciar a justiça, o direito, a verdade, o amor e a paz.

Divulgue você também essa mensagem.

Você já pensou em dar de presente uma assinatura da **AVE MARIA** a um parente, amigo, vizinho, ou a alguém que você estima? São só R\$ 20,00. O(A) novo(a) assinante receberá uma revista que fortalece a fé, leva conforto espiritual, traz a palavra do Papa, notícias da Igreja, conta a história dos santos, etc. Você sentirá a satisfação de divulgar mensagens cristãs e marianas.

Todos os meses, você será lembrado(a) com admiração e alegria. É muito fácil e simples fazer sua assinatura: de qualquer parte do Brasil é só telefonar, grátis, para **0800-55-5021** ou **(0 -- 11) 3666-2128**.

Ave MARIA

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
RUA MARTIM FRANCISCO, 656 TELS. (011) 3666-2128/3666-2129
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

Seja um
representante da
revista Ave Maria
em sua cidade.

Não perca esta oportunidade!

Entre em contato conosco pelo telefone:

0800-555-021

(ligação gratuita) no horário comercial.